Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 281
Mês: Julho
Ano: 2022
Preço: R$ 5,00

O pioneirismo brilhante de Nise da Silveira

Nise da Silveira revolucionou o tratamento mental no Brasil. Dedicou sua vida ao trabalho com doentes mentais, manifestando-se radicalmente contra as formas que julgava serem agressivas em tratamentos de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulinoterapia e lobotomia. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

JL digital
ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Editorial

Dra. Nise da Silveira foi uma das maiores personalidades da cultura brasileira. De sua inteligência nasceram diversas ideias que valorizaram a nossa psicanálise, destacando-se a famosa Casa das Palmeiras, em Botafogo. Além de doentes mentais que ela acolheu, muitos animais (gatos e cachorros) habitaram suas instalações, que se tornaram um centro de renome internacional. O seu nome foi proposto para receber a homenagem devida, mas o presidente da República não concordou, "pois ela apresentava um passado comunista". São coisas da década de 1930, mas que resistiram à página do tempo. Uma pena que isso ainda aconteça entre nós.

O Editor.

O catarinense Godofredo de Oliveira Neto foi eleito para a cadeira Nº 35 da ABL. Ele ocupará a vaga do acadêmico Cândido Mendes, que faleceu no dia 17 de fevereiro deste ano.

Expediente

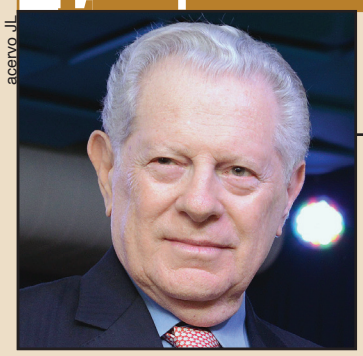
Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião

Arnaldo Niskier



acervo JL

O veto a Nise da Silveira

Quando frequentei a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então UDF (hoje, UERJ), tive um amigo que jamais esqueci: Luís Paiva de Castro. Ele fazia o curso de História, mas também era aluno da Faculdade de Ciências Médicas. Ser doutor era também o seu sonho.

Numa das nossas conversas, ele me falou da Dra. Nise da Silveira (1905-1999). Era um entusiasta das ações desenvolvidas na Casa das Palmeiras, aberta por Nise em 1956, com o objetivo de reabilitar sem internação. Investiu seriamente no processo criativo e afetivo dos seus pacientes. Médica psiquiatra, foi quem introduziu o contato com cães e gatos nos seus estudos.

Entre 1936 e 1937, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, foi presa sob a acusação de praticar o comunismo, embora na verdade fosse discípula do famoso psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, que não tinha nada de simpatizante dessa teoria. Sua preocupação era outra: o combate aos métodos aplicados em manicômios a pacientes com transtornos mentais, com o emprego de eletrochoques, lobotomia e o confinamento.

Contra esses absurdos, Nise preconizava o emprego da arte, em especial a pintura. Muitas obras estão hoje expostas no Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio, e Nise assim se tornou uma figura de destaque internacional. Lembro bem, como chefe de reportagem da revista *Manchete*, de algumas matérias que sugeri sobre esse notável trabalho.

Hoje, a deputada Jandira Fegali, que é médica, sugeriu o nome de Nise da Silveira para ser colocado no livro de heróis da pátria. Nada mais merecido, mas o presidente da República vetou a homenagem, alegando razões ideológicas. Não levou em conta o trabalho de Nise no tratamento de transtornos mentais, com plena aprovação por parte do Senado da República. Prevaleceu uma razão mesquinha e ultrapassada.

Na história do Brasil, a médica alagoana será sempre lembrada como figura central de humanização de manicômios e hospitais psiquiátricos. Isso é o que importa.

"O valor das coisas não está no tempo que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem.
Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis."

Fernando Pessoa

"O ser humano é talvez a maior metáfora da própria evolução,
cuja tarefa é transgredir algo estabelecido."

Nilton Bonder

A história, o avião, o rei

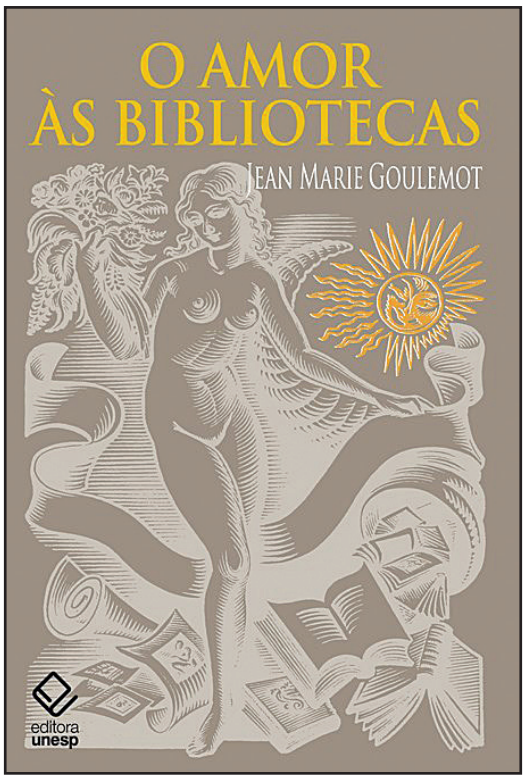
Por Danilo Gomes*

Realidade e ficção

A editora Harper Collins, do Rio de Janeiro, publicou, em 2019, em tradução de Milena Vargas, o magnífico livro do escritor italiano Alberto Angela, *Cleópatra – a rainha que desafiou Roma e conquistou a eternidade*. À pág. 183 o grande historiador e talentoso escritor declara que "a História muitas vezes supera a fantasia, até a dos mais bem pagos cinegrafistas de Hollywood" e que "a realidade dos fatos supera em muito a ficção".

Os exemplos, cá digo eu, são numerosos: as narrativas de Heródoto, Estrabão, Marco Polo, Fernão Mendes Pinto, Cristóvão Colombo, Antonio Pigafetta, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Sir Richard Burton, James Cook, Goethe, Pierre Loti, tantos outros autores. Dados todos os descontos de "invencionices" que lhes são assacadas.

Aeroceticismo



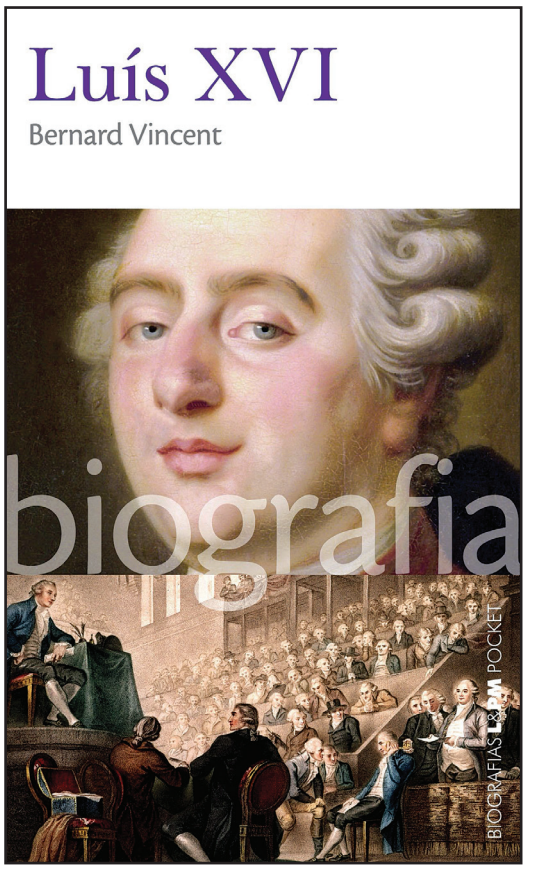
Certa vez, numa crônica, escrevi que jamais entenderei – apesar de todas as explicações científicas sobre aerodinâmica – por que avião voa. Um avião comercial com centenas de passageiros e suas bagagens; um pesado avião de carga; um avião militar transportando tropas, jipes e tanques de guerra; a luxuosa fortaleza voadora Number One, que transporta o Presidente dos Estados Unidos – como esses bichões "avoam" sem cair?

Agora, lendo *O Amor às Bibliotecas*, de Jean Marie Goulemot, minha "tese" empírica ganha reforço especial. O livro foi traduzido por Maria Leonor Loureiro para a Editora Unesp (SP, 2001). Vamos encontrar, à pág. 175, este trecho:

"Ainda me lembro do impacto que teve o acidente de avião ocorrido nos Açores em 1949 e no qual desapareceram, entre outros, o boxeador Marcel Cerdan, o violinista Jacques Thibault e o pintor e gravador Bernard Boutet de Monvel. Minha avó, leitora atenta do jornal, tirou daí uma filosofia e, destinando-me a um brilhante futuro, prontificou-se a me fazer nunca viajar de avião. De seus conselhos e seus avisos, mantive um temor, ainda hoje sentido na decolagem, e uma incredulidade quanto à capacidade de voar desses pesados transportadores. Sem ousar confessá-lo, para mim o transporte aéreo parece milagre. Apesar de meus esforços racionais, permaneço um aerocético."

Não estou, pois, sozinho em minha inocente e indouta perplexidade diante do "mistério" aeronáutico. Estou em ótima companhia. O erudito Jean Marie Goulemot, nascido na França em 1937, é um famoso escritor e bibliófilo, professor emérito da Universidade de Tours, membro do Institut Universitaire de France e autor de vários livros.

Luís XV não disse aquilo



Corre como verdade histórica uma célebre declaração petulante atribuída ao rei Luís XV (o que morreu vitimado pela varíola e sofreu uma agonia tenebrosa). Esse monarca teve, entre outras, duas amantes célebres, Madame de Pompadour e a Condessa du Barry. Essa última, tendo, imprudentemente, deixado Londres e voltado à França em busca de suas joias, seria guilhotinada, durante o período de Terror da Revolução Francesa. Mas vamos aos fatos, deixando de lado segredos de alcova e fofocas e frioleiras da corte de Versalhes.

Lendo a biografia *Luís XVI*, de Bernard Vincent, que Júlia da Rosa Simões traduziu para a L&PM Pocket (Porto Alegre, 2ª ed., 2011), encontro este esclarecedor trecho, à pág. 66, com referência a Luís XV, avô de Luís XVI (isso mesmo):

"O rei, sem ilusões quanto aos tempos difíceis à espera da França, não chegou a dizer, como se alegou, 'après moi le déluge'. (*) Ele se contentou em afirmar: Tudo isso durará tanto quanto eu' – máxima que, apesar de menos cínica, revelava um pessimismo radical e não assegurava nada de bom para aquele que reinaria depois dele." No pé da página, o sinal de asterisco (*) informa: "Après moi le déluge", literalmente, "Depois de mim, o dilúvio" ou "Depois de mim, o fim do mundo". (N. T.)

Oportuno lembrar aqui que, segundo historiadores sérios e isentos, libertos de paixões ideológicas, a rainha Maria-Antonieta jamais teria pronunciado a repugnante frase, desdenhando da fome que grassava no país às vésperas da Revolução: "Se o povo não tem pão, que coma brioches!" Nunca se comprovou isso. Cheira a grossa mentira. Foi, certamente, uma fake news criada pelos seus raivosos inimigos. E um dos motivos que a levaram à morte infamante na guilhotina, meses depois do deplorável guilhotinamento do rei.

---

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.

JL Breves

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ Com 36 votos do total de 39 votantes, o escritor Ailton Krenak foi eleito para a cadeira 24 da Academia Mineira de Letras, vaga desde o falecimento do escritor e jornalista Eduardo Almeida Reis.

◉ O lado engraçado e irônico do saudoso acadêmico Ivan Junqueira pode ser conhecido através da obra *Poemas e Desenhos Inéditos* (Ed, Lacre), com material nunca editado no Brasil.

◉ *Análise e História da Língua Portuguesa* (Ed. Nova Fronteira) é o segundo livro da série "Uma vida entre palavras", onde o acadêmico Evanildo Bechara aborda a trajetória e as idiossincrasias do nosso idioma.

◉ A editora Todavia anunciou a publicação revisada da obra de Antônio Candido (1918-2017). Serão 17 livros do maior crítico literário do país, publicados no primeiro semestre de 2023.

◉ De volta com a edição presencial, a Flip – Festa Literária Internacional de Paraty, anunciou a data da sua 20ª edição: de 23 a 27 de novembro.

◉ Autor de mais de 300 músicas e de vários sucessos da MPB (como Festa do interior), Abel Silva lançou *O Caderno Vermelho das Manhãs* (Ed. 7 Letras), reunindo poesias para marcar seus 50 anos de carreira como compositor.

◉ *Bibi Ferreira, a saga de uma diva* (Ed. Batel), de Jalusa Barcelos, traz, segundo Sergio Fonta (autor de um dos prefácios), "o raio X da alma" da grande atriz, que também foi cantora, diretora, dramaturga, iluminadora e produtora.

◉ *Amor Mais que Maiúsculo* (Ed. Companhia das Letras) reúne cartas inéditas da poeta Ana Cristina Cesar (que faria 70 anos este ano) para o sociólogo Luiz Augusto Ramalho, seu namorado entre 1969 e 1971.

◉ O ex-ministro da Cultura Luiz Roberto Nascimento Silva analisa várias questões trazidas pela tecnologia em *O Cavalo de Troia Digital: A quarta revolução industrial* (FGV).

◉ Mais de 300 letras do cantor, compositor e escritor Nei Lopes foram compiladas pelo produtor e cineasta Marcus Fernando para o livro *Academia de letras*, que sairá no segundo semestre. Marcus também é responsável, com PH Souza, pela série de 10 episódios "Nei Lopes, no fundo do Rio", que irá ao ar, até o final do ano, no canal Music Box Brasil.

◉ A nova exposição temporária do Museu Histórico Nacional, Rio-1922, que apresenta a cidade de 100 anos atrás, ficará em cartaz até dezembro, na sede da Praça Marechal Âncora.

◉ *Sobre o Ensino de Literatura* (Editora Unesp), do professor Paulo Franchetti, reúne reflexões sobre seu modo de ensinar literatura aos alunos, com observações expressivas de contos e crônicas.

◉ Após a descoberta do manuscrito Clavis Prophetarum, escrito pelo Padre Antônio Vieira e perdido há séculos, pesquisadores portugueses e italianos planejam uma edição daquele que será o único livro completo do autor de *Os sermões*. A transcrição da obra já foi iniciada.

◉ Com quase 1200 páginas que revelam alguns menos conhecidos segredos de um dos nossos maiores poetas, *Pessoa: Uma biografia*, de Richard Zenith, foi escolhido um dos melhores livros de 2021 por publicações anglo-saxônicas. A primeira edição em português foi lançada em parceria pela Fundação Calouste Gulbekian e Quetzal Editores.

◉ *Aproximações: Estudos de história e historiografia* (Editora 34) reúne escritos dispersos de um grande mestre da historiografia brasileira: Fernando A. Novais.

◉ *Amor na Era dos Millenials* (Ed. Melhoramentos), da jornalista britânica Olivia Petter, examina os mitos que envolvem os romances modernos e dá dicas de como fugir de ciladas.

◉ Breve História da Segunda Guerra Mundial (Ed. Todavia) apresenta uma narrativa cronológica muito bem fundamentada do evento mais funesto do século XX, feita pelo jornalista Ralf Georg Reuth.

◉ *O Plantador de Abóboras* (Ed. Todavia), de Luís Cardoso, vencedor do Prêmio Oceanos 2021, construído a partir de episódios históricos, lendas e tragédias políticas, faz uma reflexão sobre a ocupação indonésia no Timor.

JL Humor

por Jonas Rabinovitch jonasrabinovitch@gmail.com

POR MAIS QUE SE ESFORÇASSE, PROUST NÃO CONSEGUIA SER PONTUAL

◉ *Miriam Alves Plural: Teoria, ensaios críticos e depoimentos*, publicado pela Ed. Fósforo, traz análises de 15 autores sobre o contexto histórico e cultural que fez emergir a literatura da autora, há 40 anos.

◉ Escritos ao longo da década de 1930 e publicados postumamente, *Poemas Humanos* são um dos pontos altos da poesia do peruano César Vallejo (1892-1938), traduzidos para a Editora 34 por Fabrício Corsaletti e Gustavo Pacheco.

◉ Em *As Vinte Mil Léguas de Charles Darwin* (Ed. Fósforo), as roteiristas Leda Cartum e Sofia Nestrovski passam para o papel a inventividade e a irreverência que fizeram o sucesso da primeira temporada do podcast de divulgação científica Vinte mil léguas, realizado pela revista *Quatro Cinco Um*.

◉ A Editora Mackenzie lançou *Rondon, o Marechal da paz – A vida de um herói nacional contada por meio da Filatelia*, de autoria de Maurício Melo Meneses.

◉ *Igrejas de São Paulo: Arte e fé – Arquitetura, escultura e pintura* (uma coedição da Editora Unesp, Edições Loyola e Arte Integrada), organizado por Percival Tirapeli e Laura Carneiro, analisa a riqueza artística das igrejas da capital paulista.

◉ *Trem-bala* (Intrínseca), de Kotaro Isaka, traz personagens icônicos em um thriller cujas reviravoltas levam a uma leitura intensa até o fim. A obra ganhou adaptação nos cinemas estrelada por Brad Pitt e Sandra Bullock, com estreia marcada para 14 de julho.

◉ Obra menos conhecida do autor de Thomas Mann, *Sua Alteza Real*, lançado no Brasil pela Ed. Companhia das Letras, narra a história do grão-ducado de Grimmburg, numa sátira da sociedade europeia antes da Primeira Guerra.

◉ *Emocional* (Ed. Zahar), do físico Leonard Mlodinow, fala sobre a evolução da neurociência, ensinando como regular as emoções para utilizá-las a nosso favor.

◉ Felipe Franco Munhoz lançou seu terceiro livro, misturando poesia e dramaturgia: *Lanternas ao Nirvana* (Ed. Record) tem como cenário o mundo pandêmico.

◉ O psicólogo Edgar Cabañas e a socióloga Eva Illouz analisam a instrumentalização da felicidade a qualquer custo em *Happycracia: fabricando cidadãos felizes* (Ed. Ubu).

◉ A Livraria Leitura, rede comandada por Marcos Teles, depois de inaugurar novas lojas em Aracaju e São Bernardo do Campo, continua com seu plano de expansão e tem previsão para inauguração de mais três lojas até o final do ano, completando 100 endereços na rede física.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Viagem furada

"William vai para New York fazer compras para a família."

Não é errado utilizar a grafia da cidade estadunidense na sua forma original, mas é recomendável que os topônimos de línguas estrangeiras sejam substituídos pela sua tradução na língua portuguesa.

Frase correta: "William vai para **Nova Iorque** fazer compras para a família."

Cedendo

Alice disse para Marcos: "Ou chegas **cedo** ou não **cedo**."

Perfeito! Cuidado com os **homônimos perfeitos** (palavras de grafia igual e significado diferente).

No primeiro caso: **cedo** é referente ao advérbio de **tempo**.

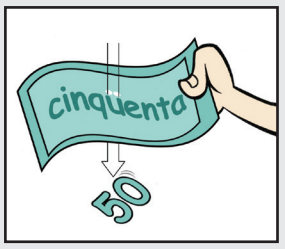
No segundo caso: **cedo** é o presente do indicativo do verbo **ceder** (eu **cedo**, tu **cedes**, ele **cede**, nós **cedemos**, vós **cedeis**, eles **cedem**).

Ainda os homônimos

"Cansei de **apressar** meus colaboradores para **apreçar** os produtos", disse Márcio ao irmão.

Novamente, cuidado com os **homônimos homófonos** (mesmo som, grafias diferentes). **Apressar**: dar pressa, agilizar. / **Apreçar**: dar preço, dar valor.

Pagamento mal feito



"Renata comprou uma refeição e pagou com uma nota de cinqüenta reais."

Esse pagamento não teve valor algum! Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, não se usa mais o trema nos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**.

Período correto: "Renata comprou uma refeição e pagou com uma nota de **cinquenta** reais."

Atenção: o trema permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas.

Exemplo: Müller, Häagen-Dasz.

Creme vencido

"Marcela comprou um creme anti-rugas muito famoso."

Não deve ter ficado com a pele boa... Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras.

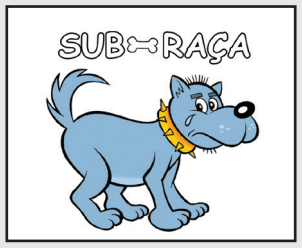
Frase correta: "Marcela comprou um creme **antirrugas** muito famoso.

Patente alta

"Regina estava toda contente, seu irmão foi graduado vicealmirante."

Assim, não há promoção que resista! **Atenção:** com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen. Período correto: "Regina estava toda contente, seu irmão foi graduado **vice-almirante**."

Preconceito infeliz



"Alfredo apanhou na escola, quando disse que o cachorro do colega era de uma subraça."

Preconceito é sempre muito ruim, ainda mais escrito de maneira errônea. Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**. Período correto: "Alfredo apanhou na escola, quando disse que o cachorro do colega era de uma **sub-raça**."

Escada perigosa

"Luciana escorregou feio ao descer a escada, pulando os degrais de dois em dois."

Não poderia evitar o acidente, escrevendo dessa maneira. O plural de **degrau** é **degraus**. O de **troféu** é **troféus**. Frase correta: "Luciana escorregou feio ao descer a escada, pulando os **degraus** de dois em dois."

Para Conhecer Machado de Assis – Dom Casmurro - Capítulo XXXII / Olhos De Ressaca

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada". Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.

Verde: a cor favorita de Lygia Fagundes Telles

Por Raquel Naveira

Mergulhei nos estudos da vida e obra da grande dama da Literatura Brasileira, Lygia Fagundes Telles (1918-2022). Conheci-a há muito tempo, desde a década de 1980, em minhas viagens a São Paulo. O primeiro encontro foi no Museu de Arte de São Paulo, numa Bienal. Quando ela entrou no salão, causou impacto. Seu brilho pareceu-me tão forte quanto o de uma estrela cintilante. Sua voz era clara, as frases desfiadas com inteligência e sensibilidade. Passamos a nos corresponder. Generosa, enviou-me livros autografados. Que emoção reler as dedicatórias: neste *Seminário dos Ratos*, "Para Raquel Naveira, agradecendo seu livro, este 'seminário' com o meu abraço de carinho e admiração, Lygia Fagundes Telles. Primavera de 92". Sua assinatura é tão distendida, marcante. Num *Ciranda de Pedra*, ela revela que este é o romance de sua juventude. No *Mistérios*, ela afirma: "E este *Mistérios* está de roupa nova, pretexto para um afetuoso abraço." No *Horas Nuas*, edição portuguesa, ela me envolve com o "melhor abraço de amiga". E, para encerrar, em *Antes do Baile Verde*, crava um "Raquel Naveira, minha bela camarada de ofício". E há também xerox de páginas de revistas, que ela ia me mandando com sede de diálogo e partilha.

Folheio agora um dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Salles, dedicado à Lygia. A organização foi de Antônio Fernando De Franceschi e Rinaldo Gama. Lygia exuberante, aos setenta e quatro anos, fotografada com um dos seus gatos, falando em longa entrevista sobre sua paixão pelo ato de escrever. É nessa entrevista que encontro um recorte interessante: a cor favorita de Lygia era o verde, presente em muitas sinestesias de seus textos. De onde viera o fascínio por essa cor entre o azul e o amarelo, resultante de confluências cromáticas, explodindo em raios, espalhada pelos ramos? Lygia nos explica que, quando criança, o pai, um delegado, que trabalhou em várias cidadezinhas do interior paulista, era jogador. Levava-a aos cassinos para jogar baralho e roleta. Sobre o feltro verde da mesa, tilintavam as fichas, recolhidas depois com uma pá gelada. Confessa Lygia: "Sempre que meu pai perdia, virava-se para mim, apalpando os bolsos vazios e dizia, esperançoso: 'Amanhã a gente ganha'. Na roleta apostava no verde. Eu, que jogo na palavra, sempre preferi o verde, ele está em toda a minha ficção. É a cor da esperança que aprendi com meu pai."

Lygia Fagundes Telles e Raquel Naveira.

Desde sempre o verde foi a cor da esperança. Depois do inverno, da neve e do frio, mostrando ao homem sua solidão e precariedade, a terra se revestia de um manto verde esmeralda, novo ciclo de fecundidade e esperança.

Verde, a cor do reino vegetal. Lygia que era tão urbana, paulistana, nascida no bairro de Santa Cecília, transitando pelas ruas cinzentas, habitando apartamentos simples, em prédios centrais, declara sobre a prioridade política para a metrópole do seu coração: "O restabelecimento do verde. Essa cidade não tem mar, o que é grave. Se perdermos então todo o verde... Veja bem: eu não tenho casa de campo, não tenho chácara, acho que a maioria dos habitantes de São Paulo está na mesma situação – pois vamos nos encontrar com a natureza de que modo? Onde? Estou aqui, no meu apartamento, cercada de apartamentos por todos os lados, concreto, ferro, cimento, pois então eu quero a praça, eu quero o verde." Ah! O verde dos jardins selvagens de Lygia.

O verde, além de ser a cor dos movimentos ecologistas e da nostalgia de ver a terra desaparecer sob uma paisagem de cimento e aço, era também para Lygia uma cor filosofal, de criação: "Tenho mesmo um purgatório de temas. Ficam lá os temas que ainda não amadureceram. Mas eu convivo bem com estes temas verdes. Eu gosto da cor verde, é a única que amadurece."

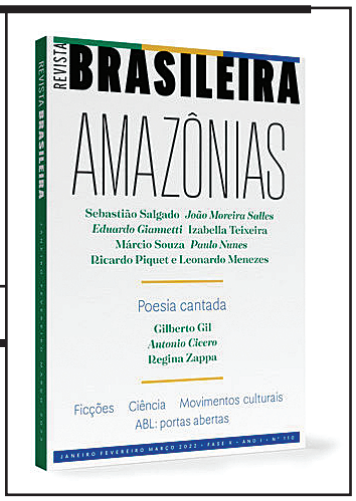
Como esquecer da cor verde nos contos fantásticos de Lygia? No conto Antes do Baile Verde, duas jovens discutem diante de um homem moribundo, pai de uma delas. Ambas querem ir ao baile de Carnaval, cuja fantasia seria verde. A filha, diante daquela situação dramática, terminal, toma a decisão de ir ao baile: "Quando bateu a porta atrás de si, rodaram pela escada algumas lantejoulas verdes na mesma direção, como se quisessem alcançá-la." Que beleza! A ânsia de viver, a nuvem de lantejoulas verdes no ar.

O conto Natal na Barca é sobre os laços de afeto entre os seres humanos. Mãe e filho numa barca ancestral, nas trevas, observados por uma passageira que é a narradora, talvez a própria Lygia. Por um momento, aterrorizada, vê o filho morto nos braços da sofrida mãe. Milagre: ao final da travessia, ele revive. A narradora assim termina o texto: "Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo. Verde e quente. Verde e quente." O despertar das águas primordiais, os cabelos verdes da sereia se desmanchando em algas. Esse rio me lembrou o da minha infância, o rio Apa, na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Era verde e quente.

Guardo com cuidado os livros de Lygia na estante. Tenho a estranha sensação de que uma luz verde banha as minhas mãos.

Revista da ABL repaginada

Por Manoela Ferrari



Combinando o clássico e o contemporâneo, a *Revista Brasileira*, da ABL, mais antiga em atividade no país, voltou repaginada, sob a direção da acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira. Disponibilizada no site da ABL, a exemplo de números anteriores, serão lançadas quatro edições anuais da publicação. Cada uma delas deverá ter como ponto focal um assunto crítico da realidade brasileira.

Na edição de estreia, o tema escolhido foi Amazônias (com s). Segundo a diretora, o assunto se impõe como uma ilustração do que a revista pretende: "Contemporaneidade, relevância, diversidade de opiniões, respeito pela memória ancestral e anúncio do que está por vir. Poesia e prosa guardam seu lugar de nobreza. As páginas se abrem agora para a fotografia, o cinema, o palco, a música, as artes plásticas, as novas linguagens e os movimentos culturais. A ciência e a tecnologia vêm juntar-se a todas as artes na tessitura de um mundo surpreendente", afirma Rosiska Darcy de Oliveira no editorial.

A reforma gráfica de Felipe Taborda, em parceria com Augusto Erthal, do escritório de design E-Thal, deu a nova identidade visual no primeiro número da décima fase da publicação (número 110), que marca também a estreia de um novo conceito, como explica Erhtal: "São alguns dos diferenciais desse projeto: o equilíbrio entre os estilos, o uso de elementos brasileiros, como as cores, e o protagonismo da tipografia. Para unir esses dois últimos elementos, fizemos questão de usar fontes brasileiras como destaque."

Com novas seções dedicadas à ciência, tecnologia, cinema, música e fotografia, esse primeiro número traz uma longa entrevista com o fotógrafo Sebastião Salgado, mostrando seu trabalho na floresta. Colaboram também nessa cobertura: João Moreira Salles, Eduardo Gianetti, Izabella Teixeira, Marcio Souza, Paulo Nunes, Ricardo Piquet e a equipe do Museu do Amanhã.

Recém-eleito imortal, o médico Paulo Niemeyer Filho estreia com um texto sobre a criatividade e o cérebro. Os movimentos culturais, com destaque para o legado da semana de Arte Moderna, são abordados pelo acadêmico Antonio Carlos Secchin e por José Miguel Wisnik.

Há também uma seção de poesia cantada, composta por letras de canções, entrevistas e artigos assinados pelos acadêmicos Gilberto Gil, Antonio Cicero e pela jornalista e escritora Regina Zappa.

Ficcionistas da Casa de Machado, os acadêmicos Paulo Coelho, João Almino, Ignácio de Loyola Brandão e Antônio Torres revelam o seu universo de criação. Outros grandes nomes da cultura nacional também estão presentes.

Uma sessão dedicada às cerimônias realizadas na ABL, neste ano, traz o discurso de posse da acadêmica Fernanda Montenegro e o discurso de recepção da secretária-geral da ABL, Nélida Piñon. Também a saudação ao escritor Ruy Castro, vencedor do Prêmio Machado de Assis, pelo acadêmico Cícero Sandroni, assim como o agradecimento do escritor.

O discurso de posse do presidente Merval Pereira, também publicado na revista, ressalta que a instituição "é e sempre será uma trincheira a favor da Arte, mas também da Ciência e da Paz". O jornalista cita as atividades presenciais previstas para este ano na ABL, que abrangem celebrações, como os 125 anos da Academia e o bicentenário da Independência.

A revista pretende, ainda, reforçar todas as atividades que a Academia Brasileira de Letras oferece para o público. Para isso, traz a seção "ABL: Portas Abertas", que, nesta primeira edição, tem textos de Cacá Diegues, Fernanda Montenegro, Joaquim Falcão, Arno Wehling e José Murilo de Carvalho.

Os livros lançados por acadêmicos, no ano de 2021, fecham esse número, que tem, ainda, os acadêmicos Carlos Diegues, Zuenir Ventura e Joaquim Falcão no Conselho Editorial.

Polemistas e liberdade de expressão

Por Getúlio Marcos Pereira Neves

Hoje em dia parece que quem não se manifesta nas redes sociais está condenado a não existir; é quase como se a essência do ser tivesse passado a residir na opinião. Só que, opinando sem refletir, bom senso e polidez acabam esquecidos e fazendo falta. Se nas relações pessoais a consequência pode ser o estremecimento, ou até o rompimento, no âmbito corporativo, a conduta pode gerar sanções. Entre as carreiras públicas não é diferente, muito pelo contrário.

Existem restrições que são óbvias a manifestações pessoais: não fica bem, por exemplo, falar mal do chefe. Sinceridade, assertividade, tudo isso vai ser pesado pelo destinatário de possível juízo depreciativo, e uma reação à altura é o mínimo que se pode esperar. Em outros tempos, assim se notabilizavam os polemistas, enfrentando-se nas páginas dos jornais e desenvolvendo argumentação nem sempre baseada na lógica, já que importava o calor do momento. De muitos desses embates, dessas polêmicas pelos jornais, ficaram lembranças, envolvendo personagens famosos nos meios culturais.

Uma das carreiras mais restritivas nisso de manifestações públicas sempre foi a da magistratura. A Lei Orgânica da Magistratura Nacional estabelece vedações, o órgão de fiscalização e controle da atividade judicial impõe diretrizes e regras a respeito, e de vez em quando aparece notícia de magistrado investigado por possíveis excessos verbais. Mas esse rigor não existiu sempre nos mesmos moldes de hoje; houve tempo em que magistrados podiam, por exemplo, se envolver mais de perto com a educação nas suas comarcas e colaboravam regularmente nas páginas de jornais.

Exemplo de magistrado capaz (ministro do Supremo Tribunal Federal), de temperamento forte, jornalista-polemista, foi Lúcio de Mendonça, o idealizador da Academia Brasileira de Letras. Anticlerical, adepto do realismo literário, nem por isso deixava de ser polido com quem pensava diferente. Como demonstra um caso contado por Josué Montello no seu Anedotário Geral da Academia Brasileira: certa ocasião, retirou-se Mendonça da sala para ler em companhia de um amigo livro filiado àquela estética literária, alegadamente para não perturbar as orações de um sacerdote com quem dividia a casa. Montello narra também casos sobre a pena ferina de Mendonça, que chegou a ripostar a Rui Barbosa censura que lhe fora dirigida pelo fato de integrar comitiva presidencial à Argentina. Rebatendo ponto por ponto as acusações, Mendonça encerrou o texto respondendo à afirmação de Rui quanto a sua conduta configurar uma "inclinação da toga à favorança", observando que a expressão "favorança" só denunciava a inclinação de seu acusador ao português antiquado... Polêmicas à parte, foram contemporâneos na Academia Brasileira. Mas imaginemos, nos dias de hoje, um magistrado e um advogado, atuante na Corte onde funciona o primeiro, acusando-se e ironizando-se pelas páginas dos jornais.

Tempos outros, as polêmicas atuais, mais comezinhas e menos surpreendentes, por isso mesmo já não atraem tanta atenção. O exacerbamento no trato deixou de ser exceção e, se não constitui a regra, a isso chegaremos brevemente – mesmo entre os que, tirando o bom senso, têm obrigação de se portar com urbanidade. E assim, estremecimentos, rompimentos e investigações vão se sucedendo.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Livros e Autores

por Manoela Ferrari
manoela.ferrari@gmail.com

Mengão do meu coração

No livro *Mengão do meu Coração – O inesquecível bicampeonato da Libertadores* – 2019 (Ed. Onze Cultural, 2021), acompanhamos a história do bicampeonato da Copa Libertadores da América, conquistado em 2019 pelo Flamengo. A publicação, voltada para o público infantojuvenil, é narrada pelo menino Tuca, um jovem flamenguista que reconstrói toda a trajetória de sua equipe do coração na competição, falando sobre suas incertezas, suas alegrias, sua paixão pelo esporte e, finalmente, sobre o prazer de ser campeão da América.
A obra, lançada no fim de 2021, com ilustração de Reinaldo Rosa, tem formato de HQ, e suas 48 páginas foram escritas por Marcia Ghelman, mãe dos jovens flamenguistas Felipe e Daniel, inspirações para a publicação. Designer formada pela PUC-Rio, Marcia nasceu no Rio de Janeiro em 1981, ano em que o Flamengo foi campeão do mundo.
À venda nas principais livrarias do país e no site oficial da editora, *Mengão do Meu Coração* é recomendado para os que buscam conhecer a história de um dos maiores títulos do Flamengo. Trinta por cento das vendas do livro feitas pelo Instagram do Projeto Adapta Rio (@adapta_rio) irão direto para a organização sem fins lucrativos, que trabalha em busca da inclusão social por meio de praças adaptadas.

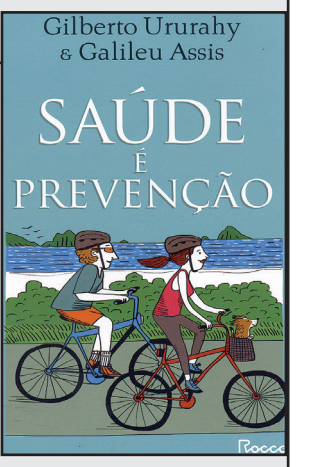
O romancista que não matou Brizola

O Romancista que Não Matou Brizola (Ed. Sarau das Letras, RN, 2022), de Edmílson Caminha, reúne 30 textos, entre artigos e crônicas, que "não se calam diante do Brasil a que chegamos". O autor, numa prosa fluida, firme e inteligente, vai da estação brasileira na Antártica às Crônicas Marcianas de Ray Bradbury, de um coveiro filósofo ao piloto que podia ter matado Brizola, da grandeza humana de Jorge Amado à exuberância de Fafá de Belém, do Desmundo de Ana Miranda ao Admirável mundo novo de Aldous Huxley, de um irlandês que influenciou Machado a um brasileiro doutor em Fernando Pessoa.
Professor, jornalista e escritor, Edmílson Caminha nasceu em Fortaleza, Ceará. É membro da Academia Brasiliense de Letras, do PEN Clube do Brasil e do Observatório da Língua Portuguesa, em Lisboa. Entre suas obras publicadas, destacamos *Palavra de Escritor* (1995), *Inventário de Crônicas* (1997), *Pedro Nava, em Busca do Tempo Vivido* (2003), *Rachel de Queiroz, a Senhora do Não me Deixes* (2010), *Em Memória de Drummond* (2012), *Dos Rios do Pará aos Verdes Mares do Ceará* (2013), *Com a Mala na Cabeça* (2014). No PEN Clube do Brasil, a *Casa de Villaça* (2016), *O Professor, Beethoven e o Ladrão* (2016), *A Solidão no Programa do Jô* (2019) e *Correspondência Cordial* (2016).

Versos e reflexões em tempos de pandemia

Em *Versos e Reflexões em Tempos de Pandemia* (Ed. Costelas Felinas, 2022), Peilton Sena afirma que o livro "faz parte do registro de um tempo em que lutamos contra um ser invisível aos nossos olhos e letal às nossas vidas." Logo adiante, explica que o registro é também de um tempo de "solitude e esperanças, fé em Deus e na ciência dos homens, silêncios e inspirações".
Foram as engrenagens desse tempo que o levaram a escrever os versos e reflexões deste livro, oferecendo, ao longo de 90 páginas, na mesma medida lirismo poético e firmeza humanitária para o enfrentamento das dificuldades diárias.
Peilton Sena nasceu em Itabuna (Bahia), em 1967. Graduado em Letras pela Universidade Católica de Santos e Pós-graduado em Educação pelo Centro Universitário Lusíada – Unilus, é autor dos livros *Momentos* (1995) e *A Força dos Versos* (2006). Membro da Academia Santista de Letras, da Academia de Letras e Artes de Praia Grande (SP), da Associação de Poetas e Escritores da Baixada Santista, da Ordem da Confraria do Poeta (RS), entre outras instituições. É um dos fundadores da Estação Cidadania de Santos e do Projeto Cultural Pesquisa e Poesia, além de idealizador da Galera do Bem do Colégio Lusíada (vencedora do prêmio Comunidade em Ação).

Saúde é prevenção



Em *Saúde é Prevenção* (Editora Rocco), Gilberto Ururahy e Galileu Assis apresentam não só um guia, mas também um convite para buscarmos um estilo de vida mais saudável, com alimentação balanceada, atividade física regular e sono reparador. O texto mostra que a otimização do bem-estar pode prevenir doenças crônicas.
Considerando os efeitos da pandemia do novo coronavírus que abalou o mundo inteiro desde 2020, é cada vez maior a importância de "cuidarmos bem da saúde para não haver necessidade de tratarmos a doença", como afirmam os autores.
Fundadores da clínica Med-Rio Check-up, especializada em medicina preventiva, os médicos Gilberto Ururahy e Galileu Assis propõem que exames periódicos, conhecimento sobre os fatores de risco e tratamentos precoces são necessários para o bom funcionamento do nosso corpo, além da identificação de situações estressantes capazes de nos fragilizar e, muitas vezes, até de levar a distúrbios físicos e psíquicos como depressão, ansiedade, síndrome do pânico, entre outros.
Para orientar o caminho rumo a um estilo de vida mais saudável, *Saúde é Prevenção* traz informações detalhadas sobre diversas áreas da prevenção de doenças, tabelas com valores nutricionais e até mesmo sugestões de cardápio para uma dieta balanceada, sempre baseadas nas mais recentes pesquisas da área médica.

História da riqueza no Brasil

Em *História da Riqueza no Brasil* (Ed. Estação Brasil, 2017), Jorge Caldeira apresenta cinco séculos de pessoas, costumes e governos, mudando o eixo de apreciação da história do Brasil.
Na apresentação, a historiadora Mary Del Priore destaca a obra como "leitura obrigatória", visto que o autor é um clássico, "autoridade" no assunto: "Seus textos não são apenas sinônimos de autoridade, mas também de prazer de descobrir. Pois para Caldeira não se trata só de escrever ou descrever, mas de emprestar a escuta aos sons ao mesmo tempo próximos e confusos que escapam dos arquivos, oferecendo ao leitor interpretações absolutamente pioneiras, capazes de ajudar a enxergar o Brasil por outras lentes.
No prefácio, Caldeira fala da visão transdisciplinar da obra, que aborda de 1500 ao ano de 2017. Com 624 páginas, é dividida em quatro capítulos. Na orelha, o acadêmico Fernando Henrique Cardoso elogia o caráter surpreendente e raro da abordagem metodológica, que introduz a referência aos grandes números na narrativa histórica.
Jorge Caldeira nasceu em São Paulo, em 1955. É doutor em Ciência Política, mestre em Sociologia e bacharel em Ciências Sociais (FFSCH-USP). Sócio fundador da Mameluco Edições e Produções Culturais, possui ampla experiência profissional na área jornalística e editorial. Autor de vários livros, é membro da Academia Paulista de Letras.

O canto do violino

Em *O Canto do Violino* (Editora Máquina de Livros), Bruno Thys apresenta ao leitor um enredo de suspense com diversas camadas de leitura.
Ambientada entre o Rio atual e a Europa do século passado, a história mistura ficção e realidade, com muitos segredos ao longo das 152 páginas.
No prefácio, o rabino Nilton Bonder destaca a polifonia de vozes, que passeiam por várias emoções e experiências humanas: "Bruno nos conduz a uma viagem a suas próprias raízes: a herança judaica de seus antepassados no Leste Europeu, a música e o Rio de Janeiro."
O premiado jornalista Bruno Thys, nascido no Rio de Janeiro, começou a carreira em 1980, no *Jornal do Brasil*, onde foi de estagiário a editor. Um dos fundadores da *Veja Rio* e do jornal *Extra*, dirigiu o segmento de produtos populares da Editora Globo, empresa que edita os jornais e revistas do Grupo Globo. Comandou o Sistema Globo de Rádio – CBN, Rádio Globo e emissoras musicais. Tem prêmios relevantes, entre eles o Esso. *O Canto do Violino* é seu primeiro livro de ficção e chega às principais livrarias e sites no formato impresso e em e-book, disponível em mais de 20 plataformas digitais. É filho do jornalista Hélio Thys.

JL Entrevista transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.

Rosiska Darcy de Oliveira

Paulo Freire e Santa Terezinha

Arnaldo Niskier: Hoje, com muita alegria, recebemos a visita da professora, escritora e imortal Rosiska Darcy de Oliveira, membro da Academia Brasileira de Letras. Ela tem uma responsabilidade muito grande de editar nossa *Revista Brasileira* de grande tradição na cultura brasileira e que agora volta a ser editada pela diretoria atual da Academia Brasileira de Letras, presidida pelo jornalista Merval Pereira. Como vai ser esse lançamento da *Revista Brasileira*?

Rosiska Darcy de Oliveira: Realmente, no momento, estou celebrando o lançamento da *Revista Brasileira*, que, por incrível que pareça, é talvez a mais antiga do Brasil. É uma revista tão antiga, tão mais que centenária que a Academia Brasileira de Letras, que está fazendo agora 125 anos, foi fundada na redação da *Revista Brasileira*. Essa revista de longa vida está saindo agora de roupa nova. Mudei bastante, não só a forma, como os conteúdos dela, porque achamos que devia corresponder melhor ao que é a Academia hoje. A Academia hoje, sendo também uma instituição mais que centenária, é uma instituição muito contemporânea...

Arnaldo Niskier: Haja vista a entrada dos novos acadêmicos, muita gente questionou isso. Gilberto Gil, Paulo Niemayer, enfim, todos que vieram... Houve questões assim: "Mas são escritores de ofício?"

Rosiska Darcy de Oliveira: Esse é um debate muito antigo, que se arrasta desde a própria fundação...

Arnaldo Niskier: Com repercussão na Academia Francesa da qual copiamos muita coisa.

Rosiska Darcy de Oliveira: Mas nós, por exemplo, elegemos mulheres antes da Academia Francesa. Rachel de Queiroz foi eleita muito tardiamente, mas foi antes de Marguerite Yourcenar, primeira mulher da Academia Francesa. A *Revista Brasileira* quer justamente ser contemporânea, com páginas de debate sobre questões que são difíceis, que são muitas vezes polêmicas. Por exemplo, Amazônia, são várias Amazônias. Estamos apresentando um dossier sobre a Amazônia, porque, em cada número doravante, haverá uma questão central do Brasil. A revista é brasileira, foi lançada no dia 1º de junho, na Livraria Travessa do Leblon. Essa revista traz um dossier importante sobre a Amazônia que está apresentada no plural, porque a Amazônia é infinita, tem uma quantidade de ângulos pelos quais pode ser abordada. Procuramos dar uma diversidade grande aos temas que foram tratados, mas tem uma coisa que me deixou particularmente feliz. Fiz uma entrevista que achei muito interessante com o Sebastião Salgado, que teve a generosidade de nos ceder quatro fotos dele (fotografia dos indígenas) que são muito bonitas e enfeitam muito a revista, dão uma riqueza muito grande à revista, e as palavras dele também. Então, temos esse dossier e temos também uma sessão chamada "ABL portas abertas", que é uma maneira de convidar o público (para quem estamos falando agora) a frequentar a ABL, que oferece muitos produtos culturais interessantes.

Arnaldo Niskier: Durante muito tempo, se pensou que a Academia era uma entidade fechadíssima (não era nem fechada). Agora se vê, com essa Academia de portas abertas que você liderou ao lado do Merval Pereira, o novo presidente da Academia, esse processo de abertura. Qual é a finalidade? Você acha que a Academia precisa dessa popularidade?

Rosiska Darcy de Oliveira: Não da popularidade. Ela precisa estar no seu tempo, colaborar com seu tempo, pensar o seu tempo e oferecer cultura, que é o que mais temos aqui. A Academia reúne grandes talentos que têm muito a dizer. Dispomos de uma sessão de seminários que acontece uma vez por semana, às quintas-feiras, em que desfilam as ideias mais ricas do pensamento brasileiro, os conferencistas mais preciosos que se possa imaginar falam aqui.

Arnaldo Niskier: Assisti, na semana passada, à palestra do Wisnick sobre a Semana de Arte Moderna de improviso. Que beleza!

Rosiska Darcy de Oliveira: Foi lindíssimo. E justamente Wisnick escreve nesse número que vai ser lançado sobre a Semana de 22, e a palestra que você ouviu aqui é muito do texto que ele escreveu para nós no relançamento da *Revista Brasileira*. Outros escrevem sobre outros temas. Há algum tempo, tivemos aqui o Dr. Drauzio Varella, que fez uma belíssima palestra sobre o fim da vida, que será publicada no próximo número 2, enfim esses são os nossos seminários. Temos um palco, um teatro, Teatro Raimundo Magalhães Jr., que é dos bons do Rio de Janeiro (onde estamos gravando aqui).

Arnaldo Niskier: Um parêntese. Fui eu que batizei esse teatro.

Rosiska Darcy de Oliveira: Meus parabéns, foi a sorte de ter tido um bom presidente.

Arnaldo Niskier: Na época, o Raimundo tinha falecido há pouco, resolvi homenageá-lo, dando o nome deste teatro, que não tinha nome, era Teatro da Academia, do nosso querido e saudoso acadêmico Raimundo Magalhães Júnior. O Raimundo, até onde me lembro do convívio na *Manchete*, era grande amigo da Fernanda Montenegro e do marido dela, Fernando Torres. Você se lembra disso?

Rosiska Darcy de Oliveira: Não, não me lembrava disso, mas então é uma feliz coincidência, porque Fernanda, que agora é um membro da Academia Brasileira de Letras, para nossa honra e orgulho, é a maior atriz brasileira e vai ocupar o nosso palco nas comemorações dos 125 anos da Academia. Ela vai fazer uma peça, uma leitura dramática aqui no nosso palco, o que é um privilégio. Então, é preciso saber que temos também um palco, um teatro, e isso tem que ser de portas abertas, porque isso é uma tamanha riqueza. A possibilidade de ouvir Fernanda fazendo uma leitura dramática aqui, nessa casa, é outro exemplo.

Arnaldo Niskier: Você já imaginou Fernanda Montenegro falando sobre Machado de Assis?

Rosiska Darcy de Oliveira: Em algum momento isso deve acontecer. Além de palco, temos uma cinemateca, que é levada a frente pelo Cacá Diegues, temos arquivos, temos biblioteca, temos o Volp, temos todo um trabalho importante de lexicografia, tudo isso é cultura e essa cultura é o que a Academia oferece ao público que a frequenta. Tudo isso está na *Revista Brasileira*, que é um outro produto da Academia. A revista é da Academia Brasileira de Letras e trata de todos os assuntos: ficções, com escritores muito importantes que estão aqui e os que não estão aqui também; poesia, temos grandes poetas dentro e fora da Academia que escrevem na nossa revista; ciências, em que acontecem coisas tão fascinantes. Nesse primeiro número, por exemplo, temos uma contribuição belíssima do Dr. J.J. Camargo, que é grande cirurgião, foi responsável pela primeira cirurgia de transplante de pulmão no Brasil e que escreveu um texto belíssimo sobre a esperança na medicina, chamado "Um transplante de esperança". Dr. Paulo Niemayer, que tomará posse em breve aqui na Academia, escreveu sobre essa coisa misteriosíssima que é o cérebro, os mistérios do cérebro, enfim estou citando vários. José Luiz Alquéres, que fez um texto sobre a história da ciência, Luiz Alberto Oliveira, que é um cosmólogo, apresenta também sua visão cósmica das coisas. Assunto é o que não falta. Temos a poesia cantada e uma participação importante do Gilberto Gil nessa revista...

Arnaldo Niskier: E temos outros letristas, que foram citados pelo Secchin na posse do Gilberto Gil, como Antonio Cicero, Geraldinho Carneiro e um que precisa ser citado (Ana Maria Machado outro dia falou sobre ele) que é Paulo Coelho.

Rosiska Darcy de Oliveira: Paulo Coelho escreveu na nossa revista, no primeiro número, um artigo muito bonito sobre como é que ele escreve, como nasce a escrita nele e esse artigo vai ser publicado agora. Ele está entre os autores ficcionistas que estão escrevendo.

Arnaldo Niskier: Ele participa ativamente da vida da Academia, porque telefona sempre para saber como vão as coisas, para dizer a opinião dele sobre certas candidaturas.

Rosiska Darcy de Oliveira: Fiquei muito comovida, porque fui visitar com ele, antes que fosse inaugurada, a Fundação que ele criou, em Genebra, que abriga toda a obra dele, uma beleza de fundação. Logo na entrada, há uma grande caixa de vidro onde está o fardão dele, fardão da Academia. Achei bem comovente isso. Enfim, a revista traz todos aqueles que puderam colaborar, que gostaram de colaborar e acho que é uma revista que deve ser lida. A revista sairá quatro vezes ao ano. O número 2 vai sair nos 125 anos da Academia, ou seja, vai sair em julho. Esse número atrasou por conta de ser o primeiro, estava exigindo muita reforma gráfica, teve uma série de exigências. Mas, no próximo número, já vamos ter um dossier importante sobre cultura brasileira com todos aqueles que colaboraram para a formação do que é o Brasil, para a cultura brasileira. Inclusive, vamos ter o prazer de ter você escrevendo.

Arnaldo Niskier: Passei o fim de semana trabalhando sobre um tema muito interessante, que é a presença dos judeus na cultura brasileira, uma presença muito rica dos cristãos novos. Acho que vai valer a pena ler esse artigo, além dos outros que comporão o número 2 da *Revista Brasileira*. Você passou 15 anos fora do Brasil obrigada por aqueles tempos obscuros que vivemos, 21 anos de ditadura que não deixou saudade. Como foi seu convívio na Suíça ou na Europa com Paulo Freire? Convém recordar isso, porque é um aspecto importante da cultura brasileira, da educação brasileira, sobretudo. Como foi esse convívio?

Rosiska Darcy de Oliveira: Um presente para mim. Uma parte muito importante da minha própria formação. Era muito jovem e, assim que comecei meu exílio, que durou esses 15 anos, recebi em casa um telefonema e, quando atendi, era uma voz de homem do outro lado que disse: "Meu nome é Paulo Freire, gostaria de lhe conhecer, sei quem você é. Estou aqui na Suíça também, gostaria que soubesse que você conta comigo como amigo aqui na Suíça." Foi a primeira pessoa que me procurou para oferecer ajuda e me convidou imediatamente para almoçar na casa dele. Ele tinha uma família com Elza e mais cinco filhos. Foi uma imensa alegria e, desde então, se tornou um pouco minha família lá. Depois disso, eu e Paulo ficamos amicíssimos, trabalhamos muitos anos juntos, trabalhei 15 anos com ele. Fundamos juntos o Instituto de Ação Cultural que, como diz o nome, vem do trabalho dele no Brasil que se chamava Ação Cultural e fundamos o IDAC – Instituto de Ação Cultural. Ele foi presidente desse instituto todo o tempo na Suíça e depois aqui no Brasil também. Quando voltamos para o Brasil, continuamos a manter o trabalho e depois, quando ele saiu, foi ser o Secretário de Educação de São Paulo. Nós assumimos a

presidência. Tive com ele essa experiência de um trabalho em toda a Europa. Nessa época, Paulo foi uma celebridade no mundo todo.

Arnaldo Niskier: Ele era adotado em vários países, método Paulo Freire de alfabetização.

Rosiska Darcy de Oliveira: Ele foi um homem que influenciou o pensamento sobre educação de quatro continentes, com certeza. Fomos juntos para a Guiné, fizemos um grande programa no momento da Independência da Guiné, depois da Guerra da Libertação. Fizemos um grande programa educacional na Guiné. Depois começamos a dar aula juntos, na Universidade de Genebra.

Arnaldo Niskier: Sobre educação de adultos?

Rosiska Darcy de Oliveira: Sobre educação de adultos. Educação de adultos, na Suíça, não queria dizer alfabetização, queria dizer muito mais uma reflexão sobre educação permanente e ele tornou-se um mestre desse debate. Escrevi, na época, sobre ele, um pequeno livro chamado *Illitch e Freire*, referindo-se ao Ivan Illitch, que era outro pensador de educação e era muito amigo de Paulo. Eles faziam uma revolução no pensamento sobre educação. Paulo escreveu vários livros comigo, escrevemos *Cuidado, Escola!*...

Arnaldo Niskier: Você participou do livro *Pedagogia do oprimido*?

Rosiska Darcy de Oliveira: Não. O *Pedagogia do oprimido* já existia na época. Esses foram livros que foram feitos no IDAC, ainda no Instituto Ação Cultural. Foi o *Cuidado, Escola!*, que foi depois grande sucesso aqui no Brasil e é até hoje é um livro que vende muitíssimo, A Vida na Escola e a Escola da Vida foi outro...

Arnaldo Niskier: Essa obra do Paulo Freire tinha uma preocupação com o comunismo ou isso é exploração dos seus adversários?

Rosiska Darcy de Oliveira: Isso é uma das coisas mais ridículas que se possa imaginar. Paulo era um católico fervoroso, grande devoto de Santa Terezinha, usava várias medalhas de Santa Terezinha no peito, sempre foi grande católico. Isso foi jogado sobre ele simplesmente para destruí-lo. Basta ler os livros dele, não há nada sobre isso.

Arnaldo Niskier: Não tem nada de proselitismo?

Rosiska Darcy de Oliveira: Nada. O que existe é um pensamento cristão e, como todo bom pensamento cristão, preocupa-se com desigualdade social, com trazer para uma vida melhor as pessoas que estão desassistidas, que era o caso dos camponeses no Nordeste, que eram todos analfabetos, e fazer da educação uma prática da liberdade. Essa é a contribuição do humanista Paulo Freire. O grande humanista Paulo Freire que escreveu esse livro brilhante, *Educação como Prática da Liberdade*, e depois o segundo, *Pedagogia do oprimido*. Paulo tem uma obra ampla. Os livros que citei foram livros coletivos que fizemos no IDAC, mas ele tem uma obra só dele, que é uma obra esplêndida, enorme, respeitadíssima. Nunca, em nenhum desses lugares fora do Brasil, Paulo foi visto como uma pessoa que tivesse alguma coisa a ver com comunismo. Isso é ridículo, isso é uma fake news, uma notícia falsa. É uma coisa que foi jogada sobre ele para justificar uma das injustiças mais monstruosas da história do Brasil contemporâneo, que foi exilar, deixar tantos anos fora do país uma pessoa que era uma das maiores riquezas desse país.

Arnaldo Niskier: Mas não foi só ele. Outros mais, inclusive você, tiveram que sofrer com isso e evidentemente perde o país, perdeu o país.

Rosiska Darcy de Oliveira: Mas poucas perdas foram tão graves quanto a do Paulo. O Paulo era um trunfo do Brasil, até hoje a memória dele é um trunfo do Brasil.

O amor que não tive

Por Gabriel Chalita*

Hoje acordei emaranhando palavras carregadoras de sentimentos que o tempo teima em não dispensar.

Já faz tempo que ela morreu, minha mãe, dona Sílvia de Albuquerque Quental Cavalcante. Gostava ela de exibir nome e sobrenome. Albuquerque era do pai. Quental Cavalcante, acréscimo do marido, meu avô.

Pois bem, meu avô, Antonio de Quental Cavalcante Neto, era a terceira geração de uma importante família em que o filho mais velho recebia o nome do pai. Nenhuma das mulheres, antecessoras de minha mãe, falhou em oferecer um filho homem a uma família tão tradicional.

Meu pai tinha um irmão mais novo. Os dois se casaram em anos próximos. Minha mãe e minha tia ficaram grávidas no mesmo período. A expectativa de um filho homem fez com que minha mãe fizesse promessa aos santos de sua devoção.

Meu avô ostentava a emoção do primeiro neto, homem. Nasceu minha irmã, mulher. Minha mãe, aborrecida, deu o nome de Ana, esposa do meu avô, para amenizar a decepção. Minha tia, Elvira, teve homem. Resolveu a família, entretanto, escolher um outro nome que não o de Antonio para o filho.

Dois anos depois, as duas cunhadas grávidas, novamente. Minha mãe temia uma outra filha mulher. E veio. Enquanto tia Elvira teve um outro homem. Minha irmã, Dulce, veio pequena demais para prosseguir vivendo. O choro durou o tempo certo e novamente a gravidez de minha mãe trouxe esperança àquela família cheia de necessidades de tradições. Disse a mim um dia, minha mãe, que tia Elvira falou que era a sua última chance de ter um filho homem. Que, se nascesse mulher e tivesse ela um menino, colocaria o nome de Antonio de Quental Cavalcante Bisneto. Minha mãe chorou para dentro a ameaça. Minha avó chegou a dizer contrariedades quando da gravidez. E foi assim assim que eu nasci. E foi assim que um outro homem nasceu do ventre da minha tia.

Minha mãe me disse que sofreu tanto que não me olhou por anos. Que me viu como uma praga por algum pecado que ela havia cometido. Depois de mim, minha mãe teve três filhos homens. E foi assim que ela disse que voltou a amar. Mimou cada um deles. Mimou os mimos que eu nunca tive.

Os tempos são outros. Dona Silvia, fez comigo o que fizeram com ela. Era o repertório humano que ela tinha. Ou era a ausência de humanidade plantada nela por exigências que ultrapassam decisões nossas. Quando me casei, ela contou a história ao meu marido, só que entre risos, com leveza. O tempo foi esvaziando sua decepção e ela me amou como pôde.

Meu marido foi o primeiro filho, o primeiro neto, o premiado de amor de todos os cantos da família. Fomos felizes. Mas, em mim, sempre moraram buracos dos inícios dos meus alicerces. Ouvi mais de uma vez de Josué, meu bom marido, que eu tinha imensa dificuldade em demonstrar amor. Ouvi isso dos nossos filhos. Ouvi isso das nossas netas. Em dias de aniversário, quando celebravam a minha vida, eu sorria disfarçando lembranças. Em ocasiões de elogios, eu desajeitava os agradecimentos.

Estou próxima de completar 80 anos. E ainda me reviro na fala dura da minha mãe. “Fiquei anos sem olhar para você, anos lamentando o seu nascimento, mas agora passou.” Passou para quem? – perguntava a mim mesma. Por que essa sinceridade tão desnecessária?

Meu tio, que herdou o nome empolado, deu tristezas para a família. Matou por ciúmes a mulher e morreu em uma fuga desesperada do presídio. Eram vivos ainda os meus avós. Eles viram minhas vitórias. Juíza de Direito. A primeira da cidade. Respeitada. Ciosa do dever de fazer o bem.

Quando virei desembargadora, eram vivas apenas minha avó e minha mãe. Choraram na minha posse. Foi uma mulher, rejeitada por eles, que perfumou de felicidades aquela família.

A realização profissional e a consciência do bem-viver amenizam lembranças dolorosas, mas não apagam. Há cicatrizes em mim do amor que não tive. Foi uma empregada que cuidou de cuidar de mim. Que brincou histórias em minha mente em formação. Que jardinou de sentimentos corretos minha alma de mulher. Vitória era o seu nome. Chorei a sua partida com o choro da gratidão por não ter me perdido.

As filhas e filhos que vieram de mim conheceram outros tempos de humanidade. Se alguma demonstração de afeto ficou faltando, não faltaram palavras de devida construção de um mundo sem preconceitos.

Falhei sim, muitas vezes. Mas foi o que consegui. Foi o que dei do que recebi.

Tenho saudade das duas, de Sílvia e de Vitória, nome que dei à minha primeira filha. Mães que permanecerão até eu partir. Em meus julgamentos, não há espaços para mágoas. Apenas para lembranças, aprendizados, poesia. Na poesia do entardecer da minha vida, ainda quero quebrar algumas pedras que duramente impedem que me vejam como uma mulher disposta a amar. A amar até o fim.

Ainda tenho tempo. Ainda tenho tempo de ensinar ao tempo em que vivo que negar amor é a maior das injustiças que um humano pode provocar em outro humano.

---

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

O pioneirismo brilhante de Nise da Silveira

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Reconhecida mundialmente por sua contribuição à Psiquiatria, a ilustre médica brasileira Nise da Silveira revolucionou o tratamento mental no Brasil.

Dedicou sua vida ao trabalho com doentes mentais, manifestando-se radicalmente contra as formas que julgava serem agressivas em tratamentos de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulinoterapia e lobotomia.

Pioneira ao enxergar o valor terapêutico da interação de pacientes com animais, Nise Magalhães da Silveira nasceu no dia 15 de fevereiro de 1905 em Maceió, Estado de Alagoas. Filha do professor de matemática Faustino Magalhães da Silveira e da pianista Maria Lídia da Silveira, sempre foi bastante estudiosa. Sua formação básica se deu num colégio de freiras (o Santíssimo Sacramento, localizado em Maceió, na época exclusivo para meninas). Seu pai, também jornalista, foi diretor do *Jornal de Alagoas*.

Única mulher entre os 157 homens da turma de 1921 a 1926, da Faculdade de Medicina da Bahia, está entre as primeiras mulheres no Brasil a se formar em Medicina. Casou-se, nessa época, com seu colega de turma, o sanitarista Mário Magalhães da Silveira, com quem viveu até o falecimento dele, em 1986. O casal não teve filhos. Por um acordo entre ambos, dedicaram-se intensamente à carreira médica.

Em 1927, mudaram-se para o Rio de Janeiro. Na então capital do Brasil, Nise se engajou no meio literário, voltado para área médica, com diversas publicações dos avanços da medicina.

Em 1933, cursando os anos finais da especialização em psiquiatria, estagiou na clínica neurológica de Antônio Austregésilo. Logo após terminar sua especialização, foi aprovada, no mesmo ano, em um concurso de psiquiatria. Começou, então, a trabalhar no Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental do Hospital da Praia Vermelha.

Nos anos 1930, militou no Partido Comunista Brasileiro. Foi uma das poucas mulheres a assinar o "Manifesto dos trabalhadores intelectuais ao povo brasileiro".

Durante a Intentona Comunista, foi denunciada pela posse de livros marxistas. A denúncia levou à sua prisão, em 1936, no presídio Frei Caneca, por 18 meses. Nesse período, conheceu Graciliano Ramos (que também estava preso), tornando-se uma das personagens do seu livro *Memórias do Cárcere*.

De 1936 a 1944, permaneceu afastada do serviço público por razões políticas. Durante seu afastamento, fez uma profunda leitura reflexiva das obras de Spinoza, material publicado em seu livro *Cartas a Spinoza* (1995).

Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro

Em 1944, reintegrada ao serviço público, iniciou seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro, onde retomou a luta contra as técnicas psiquiátricas que considerava agressivas aos pacientes.

Por sua discordância com os métodos adotados nas enfermarias, recusando-se a aplicar eletrochoques em pacientes, foi transferida para o trabalho com terapia ocupacional, atividade então menosprezada pelos médicos. Assim, em 1946, fundou, naquela instituição, a "Seção de Terapêutica Ocupacional".

No lugar das tradicionais tarefas de limpeza e manutenção que os pacientes exerciam sob o título de "terapia ocupacional", ela criou ateliês de pintura e modelagem. A intenção era possibilitar aos doentes reatar seus vínculos com a realidade através da expressão simbólica e da criatividade. Revolucionou, a partir daí, a Psiquiatria então praticada no país.

O Museu de Imagens do Inconsciente

Em 1952, fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, um centro de estudo e pesquisa destinado à preservação dos trabalhos produzidos nos estúdios de modelagem e pintura que criou na instituição. Os registros abriram novas possibilidades para a compreensão mais profunda do universo interior do esquizofrênico.

Entre os artistas-pacientes que criaram obras incorporadas na coleção dessa instituição, estão Adelina Gomes, Carlos Pertuis, Emygdio de Barros e Octávio Inácio. Esse valioso acervo alimentou a escrita do seu livro *Imagens do Inconsciente*.

Entre 1983 e 1985, o cineasta Leon Hirszman realizou o filme Imagens do Inconsciente, trilogia mostrando obras realizadas pelos internos a partir de um roteiro criado pela ilustre psiquiatra.

Algumas obras pintadas pelos internos e a fachada do Museu de Imagens do Inconsciente – Instituto Municipal Nise da Silveira.

> "Aquilo que se impõe à psiquiatria é uma verdadeira mutação, tendo por princípio a abolição total dos métodos agressivos, do regime carcerário, e a mudança de atitude face ao indivíduo, que deixará de ser o paciente para adquirir a condição de pessoa, com direito a ser respeitada." **(Nise da Silveira)**

Casa das Palmeiras

Poucos anos depois da fundação do Museu, em 1956, desenvolveu outro projeto, também revolucionário para sua época: criou a Casa das Palmeiras, uma clínica voltada à reabilitação de antigos pacientes de instituições psiquiátricas, onde podiam expressar sua criatividade, sendo tratados como pacientes externos, numa etapa intermediária entre a rotina hospitalar e sua reintegração à vida em sociedade.

O auxílio dos animais aos pacientes

Pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais (que costumava chamar de co-terapeutas), Nise percebeu essa possibilidade de tratamento ao observar um paciente a quem delegara os cuidados de uma cadela abandonada no hospital, tendo a responsabilidade de tratar deste animal como um ponto de referência afetiva estável em sua vida. Ela expôs parte deste processo em seu livro *Gatos, a Emoção de Lidar*, publicado em 1998.

Pioneira da psicologia junguiana

Pelo conjunto do seu trabalho, introduziu e divulgou, no Brasil, a psicologia junguiana. Interessada em seu estudo sobre os mandalas, tema recorrente nas pinturas de seus pacientes, ela escreveu, em 1954, a Carl Gustav Jung, iniciando uma troca de correspondências.

Jung a estimulou a apresentar uma mostra das obras de seus pacientes, que recebeu o nome A Arte e a Esquizofrenia, ocupando cinco salas no "II Congresso Internacional de Psiquiatria", realizado em 1957, em Zurique. Ao visitar com ela a exposição, ele orientou-a a estudar mitologia como uma chave para a compreensão dos trabalhos criados pelos internos.

Nise da Silveira estudou no Instituto Carl Gustav Jung em dois períodos: de 1957 a 1958, e de 1961 a 1962. Lá, recebeu supervisão em psicologia analítica de Marie-Louise von Franz, assistente de Jung.

Retornando ao Brasil, após seu primeiro período de estudos junguianos, formou, em sua residência, o Grupo de Estudos Carl Jung, que presidiu até 1968.

Escreveu, dentre outros, o livro *Jung: vida e obra*, publicado, em primeira edição, em 1968.

Morte

Nise da Silveira faleceu no dia 30 de outubro de 1999, aos 94 anos, de insuficiência respiratória aguda, no Hospital Miguel Couto, zona Sul do Rio.

Prêmios e reconhecimentos

Em reconhecimento a seu trabalho, foi agraciada com diversas condecorações, títulos e prêmios em diferentes áreas do conhecimento, entre outras:

- "Ordem de Rio Branco" no Grau de Oficial, pelo Ministério das Relações Exteriores (1987).
- "Prêmio Ciccillo Matarazzo Personalidade do Ano de 1992", da Associação Brasileira de Críticos de Arte.
- "Medalha Chico Mendes", do grupo Tortura Nunca Mais (1993).
- "Ordem Nacional do Mérito Educativo", pelo Ministério da Educação e do Desporto (1993).

Reconhecimento internacional

Membro fundadora da Sociedade Internacional de Expressão Psicopatológica ("Societé Internationale de Psychopathologie de l'Expression"), sediada em Paris.

Sua pesquisa em terapia ocupacional e o entendimento do processo psiquiátrico por meio das imagens do inconsciente deram origem a diversas exibições, filmes, documentários, audiovisuais, cursos, simpósios, publicações e conferências.

Legado

Seu trabalho e ideias inspiraram a criação de museus, centros culturais e instituições terapêuticas, similares às que criou, em diversos estados do Brasil e no exterior, por exemplo:

Nise da Silveira na Faculdade de Medicina da Bahia, 1921-1926 - Única mulher numa turma de 158 alunos.

Mundialmente conhecida por seu trabalho científico que utilizava o afeto como método, a psiquiatra Nise da Silveira revolucionou a área.

- "Museu Bispo do Rosário", da Colônia Juliano Moreira (Rio de Janeiro).
- "Centro de Estudos Nise da Silveira" (Juiz de Fora, Minas Gerais).
- "Espaço Nise da Silveira" do Núcleo de Atenção Psicossocial (Recife).
- "Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira", do Hospital Psiquiátrico São Pedro (Porto Alegre, Rio Grande do Sul).
- "Associação de Convivência Estudo e Pesquisa Nise da Silveira" (Salvador, Bahia).
- "Centro de Estudos Imagens do Inconsciente", da Universidade do Porto (Portugal).
- "Association Nise da Silveira – Images de l'Inconscient" (Paris, França).
- "Museo Attivodelle Forme Inconsapevoli" (hoje renomeado "Museattivo Claudio Costa", Genova, Itália).
- O antigo "Centro Psiquiátrico Nacional" do Rio de Janeiro recebeu em sua homenagem o nome de "Instituto Municipal Nise da Silveira".

Em 2015, foi incluída na lista das grandes mulheres que marcaram a história do Rio.

Em 2016, foi lançado o filme brasileiro de longa metragem intitulado "Nise: O Coração da Loucura", dirigido por Roberto Berliner. O filme foi resultado de 13 anos de ampla pesquisa, e se baseou em um momento da vida de Nise da Silveira. No mesmo ano, o espetáculo "Nise da Silveira – Guerreira da Paz" narrou a história da psiquiatra alagoana e discípula de Carl G. Jung. O ator carioca Daniel Lobo dirigiu e interpretou o espetáculo que esteve em cartaz no Museu de Arte de São Paulo (Masp), durante curta temporada de grande sucesso.

Veto no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*

Seu nome quase chegou a ser incluído no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*, em projeto da Jandira Feghali (PCdoB), mas a decisão foi vetada por decreto do presidente Jair Bolsonaro, publicado no dia 25 de abril de 2022. Na justificativa do veto, está "não é possível avaliar o impacto do trabalho de Nise da Silveira no Brasil".

JL Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

E as crianças?

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

A página já estava rascunhada, as capas selecionadas, os resumos prontos... mas tudo mudou.

Páginas de um livro infantil voaram para a minha varanda. Cores vibrantes, figuras alegres, idioma desconhecido e por isso, difícil. Logo imaginei que seria uma travessura dos meus barulhentos vizinhos que pensamos que sejam russos.

Ao pesquisar o pouco escrito em letras ocidentais, descobri tratar-se de uma editora ucraniana! Isso mesmo, fragmentos de um livro infantil ucraniano invadiram o meu espaço, a minha mente e o meu coração! (www.ranok.com.ua)

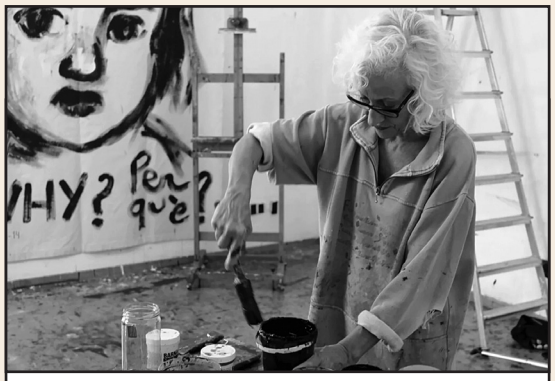
Meu primeiro pensamento foi para Jella Lepman (1891-1970), jornalista alemã que fugiu do nazismo e, no pós-guerra, retornou à Alemanha arrasada e dedicou-se às crianças órfãs. Jella acreditava que a leitura e a literatura poderiam ajudar a reconstruir o mundo, acalentar o coração daquelas crianças que tudo perderam. Assim nasceu a Biblioteca Internacional de Munique (1949). Também foi ideia de Jella a criação do IBBY – International Board on Books for Young People (Conselho Internacional de Livros para Jovens), organização internacional sem fins lucrativos, responsável pelo prêmio que já contemplou os brasileiros Ligia Bojunga, Ana Maria Machado e Roger Mello. No Brasil, o IBBY é representado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

Um pedaço do livro que o vento trouxe.

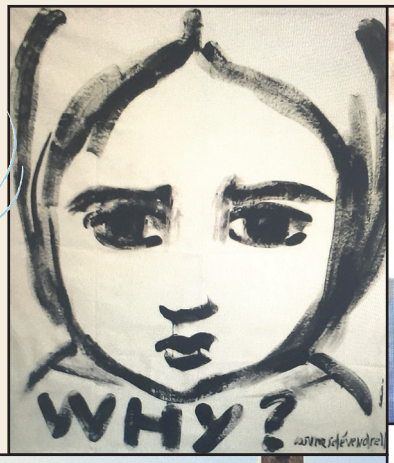
Mario Ramos, de: *Le petit soldat qui cherchait la guerre*, École des Loisirs: Paris, 1998. Um dos cartazes do IBBY.

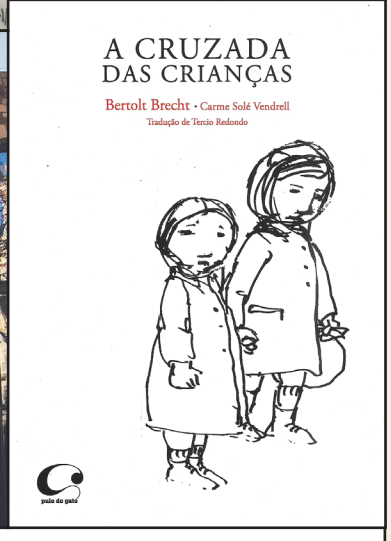
O IBBY repete a ação de Jella Lepman de 1946 e une-se a editores e distribuidores poloneses no esforço de levar livros infantis às milhares de crianças refugiadas. A exposição *Olá, caro inimigo – livros ilustrados para a paz e a humanidade* apresenta livros infantis de vários países que permitam reflexões e discussões sobre o tema. Uma coleção de cartazes também está disponibilizada para angariar recursos. (www.ibby.org)

Em 2014, após ilustrar o poema ***A cruzada das crianças***, de Bertold Brecht (editado no Brasil pela Pulo do Gato, com tradução de Tercio Redondo), a querida Carme Solé Vendrell assumiu o compromisso, através de sua arte, de reclamar os direitos das crianças. A comovente caminhada de crianças em uma terra destruída pela guerra, sem abrigo, sem agasalhos e com fome é comovente. As imagens *WHY*? (Por quê?) podem ser vistas em exposições, prédios e sacadas de Barcelona e de outras cidades espanholas. A campanha da artista ganha nova força, servindo para retratar, mais uma vez, a imbecilidade da guerra e o grande sofrimento de famílias e, principalmente, crianças ucranianas. Ilustradora dos livros juvenis de Gabriel García Márquez, dentre outros autores, Carme também é autora de livros infantis. Os pequenos personagens do poema de Brecht agora também são representados em lindas esculturas de bronze, criadas pela artista. (www.carmesolevendrell.com)



A artista Carme Solé Vendrell em seu estúdio, preparando mais uma exposição.



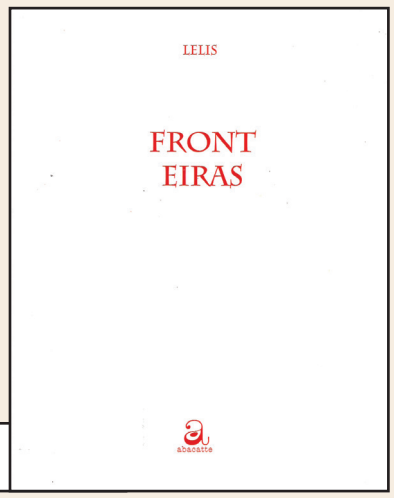


Da esquerda para direita / de cima para baixo:
WHY? Um rosto que nos comove, presente nas janelas de Barcelona.
As pequenas esculturas das crianças na guerra.
WHY? Museu Marítimo, novembro de 2020.
Cruzada das Crianças, o livro que motivou a campanha WHY?, de Carme Solé Vendrell.

Um livro que explica às crianças como nascem as guerras. ***Seis Homens*** (Record), de David Mckee e traduzido por Leo Cunha. O autor esteve no Brasil junto com Carme Solé Vendrell e outros artistas, em 1996, trazidos pela FNLIJ. Mckee faleceu recentemente, em abril de 2022.

Para entender como acontecem as guerras.

E para encerrar com esperança, ***Fronteiras***, do Lellis, editado com delicadeza pela Lourdinha Mendes, da Abacatte. Que a guerra seja transformada em uma invasão e um transbordamento de amor.



Que vença o amor!

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

Regina Dalcastagnè

(Ilhota, Santa Catarina, 1967) Pesquisadora, escritora e crítica literária brasileira. É doutora em teoria literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora titular livre de literatura brasileira na Universidade de Brasília (UnB). Coordena o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, que reúne pesquisadores de diversos países, e edita as revistas *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* e *Veredas* (da Associação Internacional de Lusitanistas). Destaca-se por avaliar aspectos de desigualdade social na literatura brasileira, como no livro *Literatura Brasileira Contemporânea: Um território contestado*, que mostra um elitismo do escritor brasileiro médio, geralmente homem, branco, com diploma superior e morando no estado do Rio de Janeiro ou em São Paulo. Bibliografia: *Representación y Resistenciaenla Literatura Brasileña Contemporánea*, tradução de Lucía Tennina e Adrián Dubinsky, Buenos Aires, Editorial Biblos, 2015; *Literatura Brasileira Contemporânea: Um território contestado*, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013; *Entre Fronteiras e Cercado de Armadilhas: Problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea*, Editora Universidade de Brasília, 2005; *A Garganta das Coisas: Movimentos de Avalovara, de Osman Lins*, Editora UnB, 2000; *O Espaço da Dor: O regime de 64 no romance brasileiro*, Editora UnB, 2000.

acervo JL

Ana Martins Marques

(Belo Horizonte, 07 de novembro de 1977) Poetisa, redatora, revisora brasileira. Recebeu os Prêmios Literário da Fundação Biblioteca Nacional (2012) e Prêmio da Associação Paulista dos críticos e Arte (2015). Concluiu o mestrado em Literatura pela UFMG com uma dissertação sobre o romancista João Gilberto Noll. Trabalha como redatora e revisora na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Seu primeiro livro, *A Vida Submarina* (2009), reúne poemas vencedores do Prêmio cidade de Belo Horizonte nos anos de 2007 e 2008. Ganhou também o Prêmio Alphonsus de Guimaraens, pelo seu segundo livro, *Da Arte das Armadilhas* (2011). Sua poesia, segundo o crítico Murilo Marcondes, alia a elaboração formal a uma reflexão sobre a vida, promovendo um "estreitamento entre linguagem e experiência". Obras publicadas: *A Vida submarina*, Scriptum, 2009; *Da Arte das Armadilhas*, Companhia das Letras, 2011; *O Livro das Semelhanças*, Companhia das Letras, 2015; *Duas Janelas*, com Marcos Siscar, Luna Parque Edições, 2016; *Como se Fosse a Casa* (uma correspondência), com Eduardo Jorge, Relicário, 2017; *This House: Selected poems by Ana Martins Marques*, tradução de Elisa Wouk Almino, Scrambler Books, 2017; *Livro dos Jardins*, Ed. Quelonio, 2019; *Risque esta Palavra*, Ed. Companhia das letras, 2021.

acervo JL

Elvira Vigna

(Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1947 – São Paulo, 10 de julho de 2017) Escritora, ilustradora, tradutora e jornalista brasileira. Recebeu prêmios, como o de ficção da Academia Brasileira de Letras e um prêmio Jabuti de literatura infantil – setor a que se dedicou no início de sua carreira. Formou-se em Literatura Francesa pela Universidade de Nancy, em convênio com a Aliança Francesa e Universidade Federal do Rio de Janeiro, e fez o mestrado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1979. Especializou-se em gravura no Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro (atualmente Escola de Artes Visuais do Parque Lage). Em 1984 e 1985, estudou na Parsons Schoolof Design de Nova York, na área de imagens. Trabalhou em diversos veículos de comunicação. Em 2012, foi diagnosticada com um carcinoma micropapilar invasivo, mas essa informação só veio à público após a sua morte, pois a autora não queria que o conhecimento de sua condição de saúde prejudicasse sua vida profissional. Seu primeiro romance adulto, *Sete Anos e Um Dia* foi publicado pela Ed. José Olympio, em 1988. Em seguida, publicou *A um Passo de Eldorado*; *O Assassinato de Bebê Martê*; *Às Seis em Ponto*; *Coisas que os Homens Não Entendem*; *Deixei Ele Lá e Vim. Nada a Dizer*, sétimo romance da autora, venceu o Prêmio ABL de Ficção romance teatro e conto, da Academia Brasileira de Letras. Em 2019, foi agraciada com o Prêmio Clarice Lispector (Prêmio Literários da Fundação Biblioteca Nacional), pelo livro de contos *Kafkianas*.

Tancredo Neves e a maldade

Por José Sarney*

Fernando Lyra era grande amigo de Tancredo Neves, que gostava muito dele, por ter um jeito aberto, simpático, corajoso e por ser bom amigo. Todos sabiam que o Fernando Lyra seria ministro do novo governo. Julgava-se até que ele seria o chefe da Casa Civil.

Tancredo, com sua grande habilidade, estava montando o Ministério. Queria colocar Freitas Nobre. Teve dificuldade de encaixá-lo. Affonso Camargo dizia que não queria o Ministério do Transporte. Escolha fácil foi a do Carlos Sant'Anna: homem de caráter extraordinário, muito correto e leal a Tancredo, além de muito competente. Foi ministro da Saúde.

Fernando Lyra, vendo que seu nome não era citado, o Ministério todo composto, entrou no Riacho Fundo, encontrou Tancredo e contou-lhe: "Tancredo, aí na porta há uns vinte jornalistas. Quando entrei, perguntaram-me para que ministério eu seria indicado. Como vi que você já tinha convidado gente para todos os Ministérios e só estava livre o Ministério da Justiça, disse-lhes: 'Eu vou ser Ministro da Justiça.'"

Essa história me foi contada pelo próprio Tancredo. A ela não dei muita fé porque sabia que o Tancredo queria apenas justificar a escolha do Fernando Lyra para o Ministério da Justiça, onde, afinal, foi um excelente ministro e fez um bom trabalho na retirada de toda a legislação autoritária.

Foi assim que o Fernando Lyra se transformou num grande jurista. Tinha ao seu lado dois professores excepcionais: José Paulo Cavalcanti, grande intelectual, e Evandro Lins e Silva, notável jurista. Boa academia!

Em março de 1985, quando Tancredo estava hospitalizado, e nós vivíamos os primeiros dias da sua tragédia, eu, vice-presidente que tinha assumido o Governo, me encontrava hospedado no Palácio do Jaburu.

Numa madrugada, lá pelas duas horas da manhã, fui despertado porque chegara o Fernando Lyra com uma comunicação urgente. Fernando era homem muito inteligente, espirituoso, capaz, bom articulador, cuja convivência no Governo estreitou entre nós uma boa amizade. Se não estou enganado, estava acompanhado de Cristovam Buarque, depois governador do Distrito Federal e senador, pernambucano, como o ministro, e muito ligado a ele.

Fernando Lyra e Tancredo Neves.

Levantei-me, vesti-me e fui atender, preocupado, o Fernando Lyra, que me disse o seguinte: "Trago-lhe uma notícia muito boa: a Polícia Federal recebeu a informação, devidamente apurada, de que Tancredo está sendo vítima de um feitiço. Fomos, eu e o diretor da Polícia Federal, a um sítio do Riacho Fundo, acompanhados de alguns agentes e do curandeiro que tinha sido apontado como o autor dessa magia negra."

Fiquei aliviado e, ao mesmo tempo, atônito.

Fernando Lyra continuou: "Presidente Sarney, a polícia, acompanhada desse pai de santo, começou a fazer buscas onde ele dizia estar enterrada a oferenda, o despacho, e conseguiram desenterrar uma boneca de pano, toda cheia de alfinetes. Ele a entregou à polícia. Ficamos aliviados, porque desfizemos o feitiço que fora feito e, agora, o nosso presidente vai melhorar."

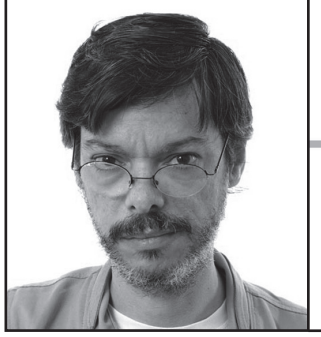
Eu não ri porque a conversa era grave. Aceitei, muito contrito, a notícia do Fernando e, perplexo com a sua fé nos poderes mágicos do feitiço, comentei: "Veja como são as coisas: você prestou um grande serviço ao país descobrindo essa maldade. Agora precisamos saber quem mandou fazê-la."

Conversamos por mais algum tempo naquela madrugada fria, despedimo-nos e voltei para o meu quarto, lembrando um provérbio que meu avô trouxe do Nordeste, que dizia:

"Três coisas nesse mundo ninguém pode contar: as estrelas no céu, pau torto e gente besta."

O que não era o caso do Fernando Lyra. Era a sua amizade por Tancredo que o fazia acreditar em tudo que lhe trouxesse esperança.

*José Sarney, ex-presidente da República e membro da Academia Brasileira de Letras.

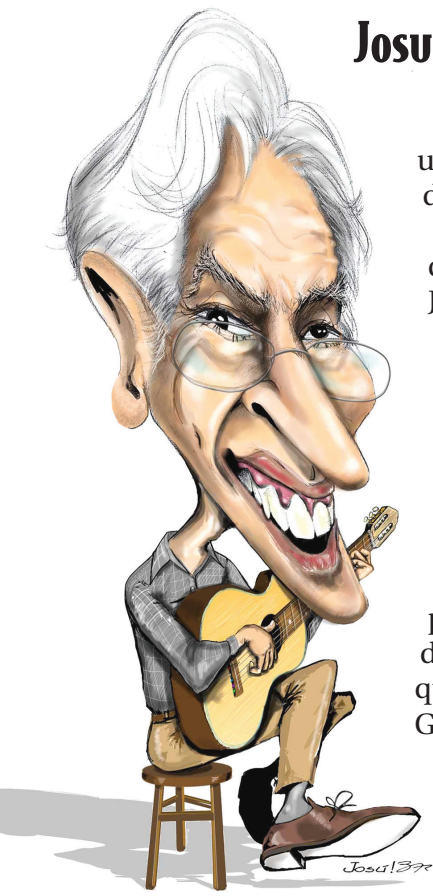


Desenharte

Por Zé Roberto

zrgrauna@hotmail.com

Josu Barroso



Caetano Veloso

Josué Rodrigues Barroso, o Josu Barroso, é uma cartunista mineiro nascido no município de Minas Novas, no dia 20 de outubro de 1981.

O artista, que é técnico em editoração gráfica, formado pela Escola de Artes de Jaboticabal, produz criações para gráficas e agências de publicidade, e atua como caricaturista, ao vivo, em eventos sociais, culturais e empresariais. Seus primeiros desenhos foram publicados no extinto jornal *Tribuna Regional*, da cidade de Itamarandiba, Minas Gerais, quando Josu estava com apenas 17 anos.

Sendo um dos artistas que sempre marca presença nas exposições organizadas pelo cartunista JAL (José Alberto Lovetro), o desenhista participou das coletivas de humor que homenagearam Steve Jobs, Oscar Niemeyer, Gabriel Garcia Márquez e Neymar, além das temáticas Oscartoons, e Tudo começa em Pizza, que aconteceram entre 2011 a 2019. As exposições de Oscar Niemeyer e Gabriel Garcia Márquez geraram catálogos em forma de livro de artes (*Oscar Niemeyer em 105 Caricaturas*, e *Gabo – 100 anos de Gabriel Garcia Márquez em charges*), semelhante à publicação que comemorou o aniversário de 85 anos do apresentador Silvio Santos (*85 Vezes Silvio Santos*), da Editora Astral Cultural, de 2016, que também teve a colaboração de Josu. Além disso, foi um dos desenhistas que participou da produção do livro *Filosofia para o Enem*, do professor Jota, da editora Zodíaco; e ilustrou as capas dos livros *Crimeia – Quatro impérios em luta*, e *Bonaparte – Filho da Revolução Francesa*, ambos de Auromar Jare Amador dos Santos.

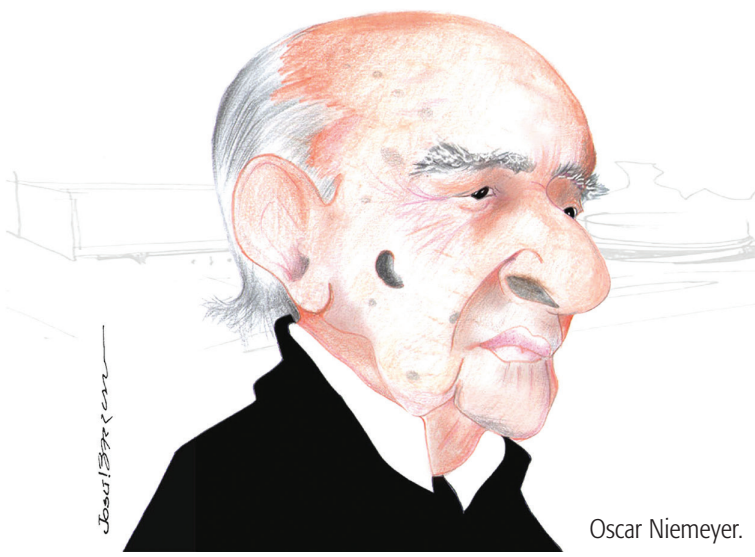
Josu Barroso, que teve desenhos publicados nos portais G1 e UOL, pode ser encontrado nas redes sociais, no Facebook e no Instagram, respectivamente nos perfis josubarroso e @josubarroso. O leitor do **Jornal de Letras** por visitar também o site do cartunista no endereço: josubarroso.com/.

Saúde e Arte!

Mazzaropi.

Ayrton Senna.

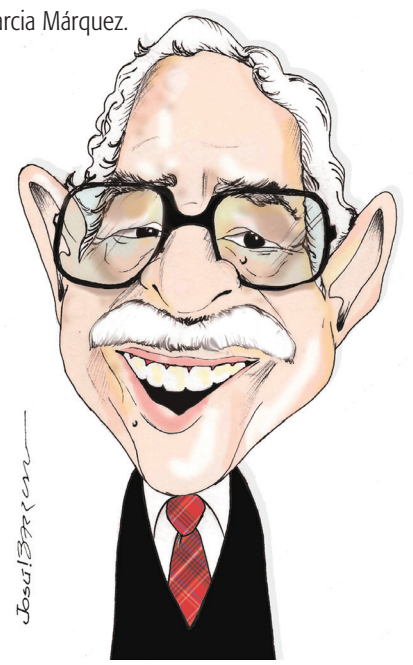
Pagu.



Oscar Niemeyer.

Belchior.

Gabriel Garcia Márquez.



Posse do imortal Paulo Niemeyer Filho

Por Maria Cabral

Fotos: Richam Samir e Dani Paiva

O acadêmico Paulo Niemeyer Filho em seu discurso de posse.

A presença e a importância da ciência foram reforçadas na Academia Brasileira de Letras, com a posse do neurocirurgião Paulo Niemeyer Filho, em concorrida cerimônia, prestigiada por profissionais de várias áreas.

O novo acadêmico, autor de livros como *O que é Ser Médico* e *No Labirinto do Cérebro* (finalista do Prêmio Jabuti), passa a ocupar a cadeira de número 12, deixada pelo escritor e crítico literário Alfredo Bosi, que morreu de Covid, no dia 7 de abril de 2021. Participaram da eleição 34 acadêmicos de forma presencial ou virtual (um não votou por motivo de saúde). Os ocupantes anteriores da cadeira 12 foram: Urbano Duarte (fundador) – que escolheu como patrono França Júnior –, Augusto de Lima, Vítor Viana, José Carlos de Macedo Soares, Abgar Renault e Dom Lucas Moreira Neves.

"Nesse momento em que a ciência foi fundamental durante a pandemia e que a ciência está sendo menosprezada pelas políticas governamentais, a chegada do Paulo Niemeyer na Academia Brasileira de Letras é uma mostra de que nós não concordamos com o que está acontecendo e queremos enfatizar a importância da ciência no país", afirmou o presidente da Casa de Machado, Merval Pereira.

No discurso de recepção, o acadêmico Joaquim Falcão deu as boas-vindas: "Paulo, obrigado pelo seu exemplo. Sólida formação, a serenidade, as mãos dadas com o paciente, o bom exemplo profissional e o humanismo a favor do Brasil."

24° médico a participar da história da ABL, o novo imortal, que completou 70 anos em abril, falou sobre a vida dedicada à medicina e relembrou os desafios da ciência: "Coube a mim prorrogar a presença da ciência nesta casa, justamente no momento em que o mundo científico sai vitorioso no combate ao coronavírus. A Academia abre hoje as suas portas para um médico que trabalha pela vida, e que é fervorosamente a favor das pesquisas científicas, das vacinas e das artes. É a vitória da ciência, é a importância da ciência. Isso já aconteceu no passado, quando houve a revolta da vacina, que foi um momento muito grave, e Oswaldo Cruz foi consagrado e eleito para a Academia. A academia sempre esteve presente nesses momentos de defender os valores civilizatórios."

Em seu discurso de posse, Niemeyer Filho disse ainda que coube a ele prorrogar a presença da ciência na ABL, justamente no momento em que o mundo científico sai vitorioso no combate ao coronavírus: "A covid-19 levou amigos e parentes e a Academia Brasileira de Letras não ficou imune, com a perda de um dos seus membros mais ilustres, Alfredo Bosi, professor e acadêmico que não resistiu à doença. Sinto-me muito orgulhoso em ingressar nesta casa. É uma grande honra, um privilégio que distinguiu apenas 261 brasileiros, em seus 124 anos de existência. Serei o primeiro médico a assumir a cadeira de número 12, que foi ocupada por intelectuais de diversas áreas: escritores, jornalistas, poetas, homens públicos, representante do clero e da vida acadêmica. Todos a abrilhantaram. Os médicos sempre estiveram presentes na ABL, desde a sua fundação."

Paulo Niemeyer Filho representa o grupo médico ao lado de outros confrades da Academia Nacional de Medicina que ocuparam cadeiras na ABL, como Francisco de Castro, Afrânio Peixoto, Oswaldo Cruz, Antonio Austregésilo, Miguel Couto, Aloysio de Castro, Fernando Magalhães, Miguel Osorio de Almeida, Deolindo Couto, Carlos Chagas Filho e Ivo Pitanguy.

A Academia Nacional de Medicina, sua Casa desde 2002, esteve representada pelo Presidente Francisco Sampaio, que teve assento à mesa ao lado do Presidente da ABL Merval Pereira, do Acadêmico Joaquim Falcão que o recebeu, e dos Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux e Luís Roberto Barroso.

Entre as prioridades que pretende desenvolver na ABL, Paulo Niemeyer Filho afirmou que quer ter o prazer da convivência com os demais acadêmicos "e poder levar um pouco da minha vivência nas neurociências para que eles fiquem mais curiosos para saber de onde vem tanto talento literário. Isso deve ter alguma explicação cerebral", brincou.

Após a solenidade, o ministro Luís Roberto Barroso falou sobre o simbolismo do momento: "Acho que tem um papel simbólico muito importante. É a valorização da ciência e da medicina nesses tempos muitas vezes de obscurantismo e de negacionismo. Portanto, eu acho que é uma homenagem à ciência, mas sobretudo uma homenagem a um grande profissional", afirmou Barroso.

Trajetória

Sobrinho do arquiteto Oscar Niemeyer e filho do também neurocirurgião Paulo Niemeyer, Paulo Niemeyer Filho, atualmente, é diretor médico do Instituto Estadual do Cérebro Paulo Niemeyer e Membro do Conselho da Fundação do Câncer.

Nascido no dia 9 de abril de 1952, no Rio de Janeiro, graduou-se médico pela UFRJ, em 1975, e iniciou a residência em Neurocirurgia na Clínica Neurocirúrgica Dr. Paulo Niemeyer, na Casa de Saúde Dr. Eiras e dedicou seu primeiro ano de residência ao estudo da Neurologia e Neurorradiologia, no *The National Hospital for Nervous Diseases, Institute of Neurology, University of London, Queen Square*, onde estagiou como *Post-Graduate Fellow*.

Em 1977, foi nomeado chefe do Serviço de Neuro-Tomografia Computadorizada da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Em 1979, introduziu, no Brasil, nova técnica microcirúrgica para tratamento de nevralgia do trigêmeo. Ao final de 1979, foi nomeado diretor do Instituto de Neurocirurgia da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Em 1984, como Membro Fundador, foi eleito Presidente da Sociedade de Neurocirurgia do Rio de Janeiro e membro do Conselho Superior da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Em 1987, foi aprovado como membro internacional da Sociedade Norte-Americana *Congress of Neurological Surgeon*. Em 1989, foi eleito membro do *Neurotraumatology Committee do Word Federation of Neurological Societies*.

Os acadêmicos José Sarney e Arnaldo Niskier com Luna Barroso e Luiz Roberto Barroso (pai e filha).

Arnaldo Niskier, Cacá Diegues, Ruth Niskier, Renata de Almeida Magalhães, Elza Pereira e Paulo Niemeyer Filho.

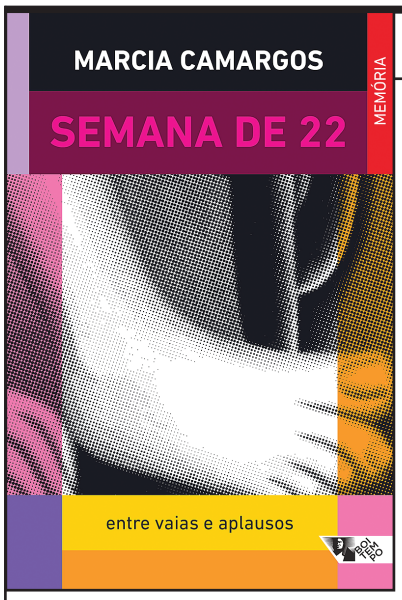
A foto oficial com os acadêmicos, no dia da posse do neurocirurgião Paulo Niemeyer Filho.

JL Novos Lançamentos

bethalmeida23@gmail.com

Nunca mais

O tão esperado terceiro volume da série Bastardos impiedosos, *A Traição do Duque* (Editora Gutembereg) chegou. Sua autora, Sarah MacLean, não erra nunca e se superou ao resgatar a história de amor de Grace Condry com o ex-vilão-atual-mocinho, Duque de Marwick, em meio a segredos, vingança e muita química. Grace Condry passou a vida fugindo do passado. Ainda jovem, foi traída por Ewan, seu único amor, e forçada a crescer nas ruas. O tempo passou e ela se tornou a rainha do submundo de Londres. Grace é perspicaz, destemida e nunca enfrentou um inimigo que não conseguisse vencer, até que o homem que um dia amou decide retornar. Perseverante e implacável, Ewan, agora Duque de Marwick, passou uma década à procura da mulher que perdera, mas que nunca deixou de amar. Agora que finalmente encontrou Grace, ele fará de tudo para reconquistá-la e torná-la sua duquesa. Mas reconciliar-se com Ewan é a última coisa que Grace deseja. Incapaz de esquecer o passado, ela promete vingança, o que implica mantê-lo por perto. Em pouco tempo, porém, Ewan revela ser totalmente diferente do que Grace imaginou: alguém a quem não se pode resistir, mesmo que se entregar ameace o mundo que ela construiu, a vida que reivindicou… e o coração que jurou que Ewan nunca mais roubaria. Sarah Maclean passou grande parte de sua infância entre os livros da biblioteca de sua cidade, onde desenvolveu a paixão por história e um compromisso para com o gênero romance.

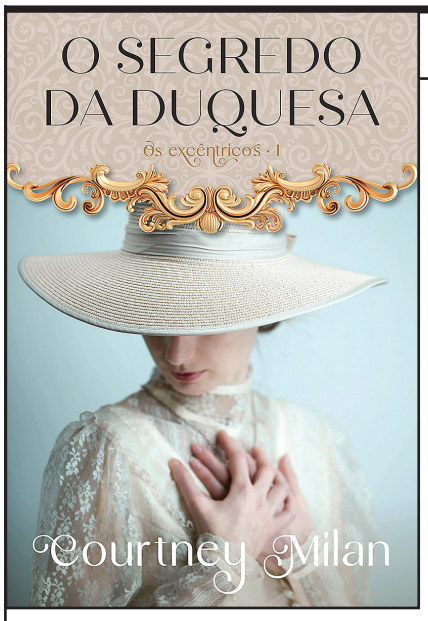


Movimento reinventado

Tema privilegiado da historiografia contemporânea, a Semana de 22 voltou ao centro do palco no ano em que se comemoraram os cem anos do movimento. Patuscada ou revolução estética? Um século depois da ruidosa manifestação de jovens intelectuais, realizada no histórico fevereiro de 1922, a questão permanece. Por que um evento que acarretou um prejuízo considerável a seus organizadores foi difamado por boa parte da imprensa da época e recebeu mais vaias que aplausos continua despertando tanto interesse? Para responder a essa questão, Marcia Camargos mergulha no universo intelectual da época, analisa um grande número de documentos e consulta vasta bibliografia em *Semana de 22* (Editora Boitempo). Mais do que detectar causas e efeitos, ou simplesmente relatar os fatos, a autora procura mostrar o festival modernista sobre diversos ângulos, numa abordagem crítica que revela aspectos pouco visitados pela bibliografia e aponta algumas ambiguidades do movimento e da reflexão que este provocou. Com um texto leve, Marcia se propõe a desmistificar a Semana de Arte Moderna, jogando novas luzes sobre o movimento que, entre vaias e aplausos, conquistou seu lugar definitivo no panorama cultural da Pauliceia e do país. A nova edição da obra, lançada no contexto do centenário da Semana de 22, conta com um novo prefácio da autora.

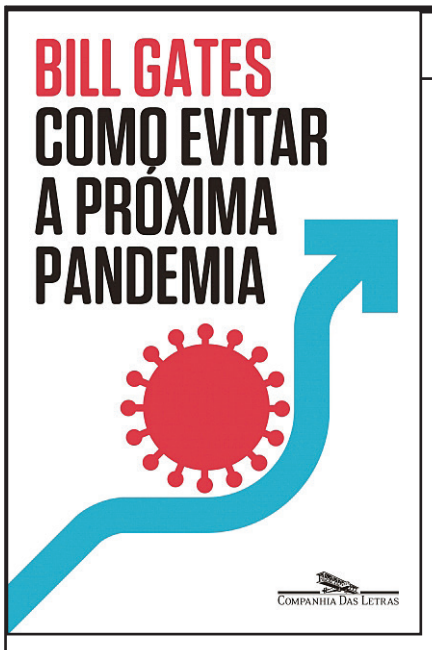
Ficção ou realidade

A Viajante Inglesa, o Senhor dos Mares e o Imperador na Independência do Brasil (Editora Vestigio) da historiadora Mary Del Priore acaba de ser lançado. A viajante inglesa é Maria Graham, esposa de um oficial da Marinha Britânica que veio com o marido para a América do Sul durante as lutas pela independência do Chile e do Brasil, tendo vivido naquele país e no Brasil, em Pernambuco e no Rio de Janeiro. Maria se dedicava a escrever diários nos quais descrevia paisagens e seus habitantes, e comentava e registrava acontecimentos do cotidiano, sobretudo os de natureza política. O senhor dos mares é Thomas Cochrane, oficial da Marinha Britânica, excelente navegador e estrategista quase invencível. Apelidado de El Diablo, participou fortemente das lutas pela independência do Chile e depois do Brasil. O Imperador é D. Pedro I, que declarou a independência do Brasil. Nessa crônica historiográfica com a qual a historiadora e escritora Mary Del Priore estreia no catálogo da Editora Vestígio, esses três personagens se cruzam e se relacionam como se fossem de ficção, mas não sendo: existiram e atuaram por dentro e por trás de fatos verídicos de nossa história, num período interessantíssimo; a aura de romance, de ficção fica por conta do texto saboroso, fluente e apaixonante com o qual Del Priore presenteia o leitor.



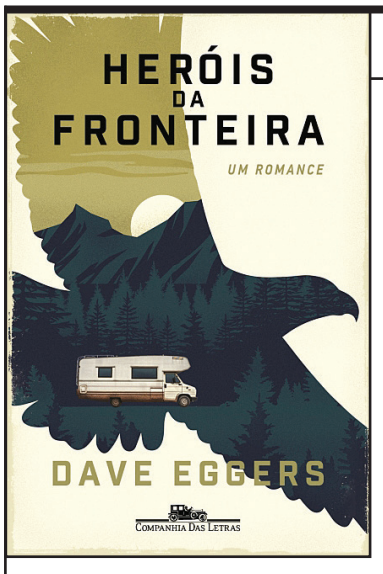
Fascinação

O Segredo da Duquesa (Editora Arqueiro) de Courtney Milan acompanha a jornada pessoal de dois heróis imperfeitos e mostra a força do amor verdadeiro. A Srta. Minerva Lane é tímida, se veste com discrição, usa óculos e prefere passar despercebida. Afinal, na última vez que se tornou o centro das atenções, as coisas terminaram mal – tão mal que ela precisou trocar de nome e mudar de cidade para escapar de seu passado escandaloso. Robert Blaisdell, o duque de Clermont, é um homem forte e honrado. Mesmo sendo nobre, ele não se conforma com os privilégios da vida aristocrática. Quando viaja para o interior para lidar com uma questão importante, sua posição o obriga a esconder a real razão de sua visita. A última coisa que Minnie deseja é chamar a atenção do duque. Só que, quando os dois se encontram por acaso, é exatamente isso que acontece. Fascinado pela inteligência dela, ele não se deixa enganar pelas aparências e fica determinado a descobrir seus segredos antes que ela tenha a chance de revelar os dele. Courtney Milan já teve muitas ocupações: foi programadora, cientista e advogada. Mas seu trabalho preferido é escrever histórias românticas. Seus livros já figuraram na lista de mais vendidos do The New York Times e do USA Today e ela foi finalista do prêmio RITA.



Repensar Covid

Do autor de *Como Evitar um Desastre Climático*, best-seller do New York Times: a pandemia de covid-19 ainda não terminou, e, embora se esforcem para virar essa página, governos de todas as partes do mundo já começam a discutir o que vai acontecer a seguir. Como evitar que uma nova pandemia mate milhões de pessoas e destrua a economia global? Podemos ao menos ter esperança de ser bem-sucedidos nesta empreitada? Para Bill Gates, a resposta a essa pergunta é sim, e, em *Como Evitar a Próxima Pandemia* (Cia das Letras), ele mostra de forma clara e convincente o que deveríamos ter aprendido com a Covid-19 e o que está a nosso alcance para evitar outro desastre como esse. Baseando-se na troca de conhecimento com os melhores especialistas do planeta e na própria experiência no combate a doenças fatais na Fundação Gates, o autor primeiro nos ajuda a entender a ciência das patologias infecciosas. Em seguida, apresenta como as nações do mundo, trabalhando em conjunto entre si e com o setor privado, podem não apenas deter outra catástrofe semelhante à Covid, mas também erradicar todas as mazelas respiratórias, incluindo a gripe. Eis aqui um chamado à ação – enérgico, abrangente e de extrema relevância – de um de nossos maiores e mais competentes pensadores e ativistas.



Natureza selvagem

Dave Eggers, autor do best-seller *O Círculo*, lança agora *Heróis da Fronteira* (Ed. Companhia das Letras), um romance fascinante e muitas vezes hilário sobre família e natureza selvagem. Quando a vida de Josie está desmoronando, ela parte para o Alasca com os dois filhos pequenos. A bordo de um trailer velho, essa será a viagem de suas vidas, com todas as intempéries e emoções que surgem no caminho. A vida estava complicada para Josie. Ela se divorciou, foi processada por um antigo paciente, perdeu seu consultório odontológico e se culpava pela morte de um jovem conhecido. Quando o ex-marido pretende apresentar os filhos à família de sua atual noiva, Josie decide escapar para o Alasca com as crianças, Paul e Ana. Num primeiro momento, parecem estar numa viagem de férias: eles veem ursos, bisontes e alces, comem cachorro-quente preparado na fogueira e passam as noites estacionados às margens de rios ou em florestas escuras. Mas enquanto eles viajam no velho trailer que se tornou sua casa, forçados a ir cada vez mais para o norte por conta dos inúmeros incêndios naturais, Josie é perseguida por seus inimigos reais e imaginários, e os erros do passado continuam a assombrar sua pequena família, mesmo num dos lugares mais ermos do planeta. *Heróis da Fronteira* é um retrato muito bem-humorado dos Estados Unidos de hoje e, sobretudo, das famílias contemporâneas. Um romance admirável que tem a originalidade e a inteligência típicas das obras de Dave Eggers.

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

Com o passaporte da literatura, José Paulo Cavalcanti Filho toma posse na ABL

Por Maria Cabral

O novo acadêmico José Paulo Cavalcanti Filho.

Advogado, romancista e pesquisador, com mais de 18 títulos publicados, o jurista e escritor pernambucano José Paulo Cavalcanti Filho, de 74 anos, tomou posse na Cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras, no dia 10 de junho, em concorrida cerimônia no Petit Trianon, na Casa de Machado. Até o ano passado, a Cadeira 39 também pertencia a um advogado pernambucano: o ex-vice-presidente da República Marco Maciel, falecido em 2021. Os ocupantes anteriores foram: Oliveira Lima (fundador) – que escolheu como patrono Francisco Adolfo de Varnhagen –, Alberto de Faria, Rocha Pombo, Rodolfo Garcia, Elmano Cardim, Otto Lara Resende e Roberto Marinho.

Por problemas de saúde, o também pernambucano e imortal Marcos Vinicios Vilaça não compareceu ao evento. No ritual de posse, conduzida pelo presidente da instituição Merval Pereira, José Paulo agradeceu a presença da viúva de Marco Maciel, Ana Maria Maciel, e homenageou a esposa Maria Lecticia Monteiro Cavalcanti: "O segredo de uma relação longeva – são 50 anos de casado – é obedecer."

Considerado um conhecedor profundo da obra do escritor português Fernando Pessoa, o refinado ensaísta conquistou, em 2012, o prêmio José Ermírio de Moraes, pelo livro *Fernando Pessoa – Uma quase autobiografia*, que também ganhou o primeiro lugar na Bienal do Livro e no Prêmio Jabuti. Vencedor do Prêmio *II Molinello*, na Itália, recebeu, ainda, premiações em países como Romênia, Israel, Espanha, França, Holanda, Alemanha, Rússia, Inglaterra e Estados Unidos.

Em seu discurso de posse, Cavalcanti Filho afirmou que os objetivos da Academia Brasileira de Letras foram traçados por Machado de Assis, há 125 anos: "Está nos artigos primeiros do estatuto, que é a defesa da língua e da cultura. Eu penso que a gente tem que retraduzir esses conceitos para dar-lhes maior atualidade. A defesa da língua é mais que a defesa de alguns símbolos. Eu penso que não há nada mais urgente e revolucionário do que a educação popular. Criar cidadãos. E cultura significa reconhecer a identidade nacional que está faltando."

O escritor afirmou, ainda, que é preciso retraduzir esses conceitos para que eles ganhem maior atualidade. A defesa da língua, para ele, significa ir adiante e aprender que há "dois Brasis afastados", sendo "um que fala a língua oficial e outro de determinados cidadãos comuns que, usando versos do (poeta) pernambucano Manuel Bandeira, na 'Evocação de Recife', falam a língua errada do povo, língua certa do povo".

O novo imortal destacou que é preciso compreender que "não há nada mais moderno, urgente, transformador, revolucionário e democrático do que educação popular. É preciso permitir que os brasileiros sejam cidadãos e possam, informados, decidir os seus destinos".

A cultura, de acordo com as palavras do acadêmico, deve ser compreendida com uma visão mais ampla: "Compreender que nós somos diferentes e ir além, compreender que essas diferenças nos inquietam e que seremos ainda mais ricos se formos capazes de prestigiar essas diferenças. É compreender um povo, quem somos como brasileiros, e valorizar a nacionalidade."

Por fim, Cavalcanti afirmou que é preciso lutar contra a desigualdade social: "Há um rio que separa os brasileiros, e é preciso remar ao contrário desse rio. Que a confiança vença o medo, a razão vença o preconceito, a luz do sol vença o desalento das sombras", finalizou o novo imortal.

O presidente da ABL, Merval Pereira, destacou as qualidades do novo colega de fardão: "Um grande jurista, um grande escritor. A intenção da Academia é sempre ampliar a representatividade da sua composição. E o fator regional é muito importante."

Em entrevista à Agência Brasil, a primeira observação feita por José Paulo foi que, em 125 anos da Academia, só um pernambucano morava em Recife e continuou morando na capital pernambucana depois da eleição (Mauro Mota, eleito em 1970): "Eu sou o segundo que continua morando no Recife." Ele disse que sua eleição significava "uma homenagem que a Academia presta a Pernambuco".

A secretária-geral da ABL, acadêmica Nélida Piñon, também destacou a representatividade: "O Brasil é um país que nos deixa impressionados com sua extensão, com sua grandeza. E é um país que não se esfacelou. Portanto, receber mais um grande pernambucano é uma alegria para a Casa."

Depois do discurso, em que citou escritores como Joaquim Nabuco, José Saramago, Eduardo Lourenço, e claro, Fernando Pessoa, o novo acadêmico recebeu o colar do imortal Carlos Nejar. A espada foi entregue por Arnaldo Niskier e o diploma por Alberto Venancio Filho.

O acadêmico Domício Proença Filho fez o discurso de boas-vindas no lugar de Marcos Vilaça. O jurista reforça a bancada de pernambucanos na ABL, hoje formada também por Geraldo Holanda Cavalcanti, Evanildo Bechara e Evaldo Cabral de Mello.

O ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Marcelo Navarro compôs a mesa ao lado de alguns acadêmicos. Entre os que prestigiaram a cerimônia, o ex-presidente do Tribunal de Contas da União José Múcio Monteiro, o ex-governador de Pernambuco João Lyra Neto, a presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco Margarida Cantarelli, a conselheira do Tribunal de Contas do Estado Teresa Duere, o presidente da OAB-PE Fernando Ribeiro Lins e o presidente da Academia Pernambucana de Letras, Lourival Holanda.

Biografia

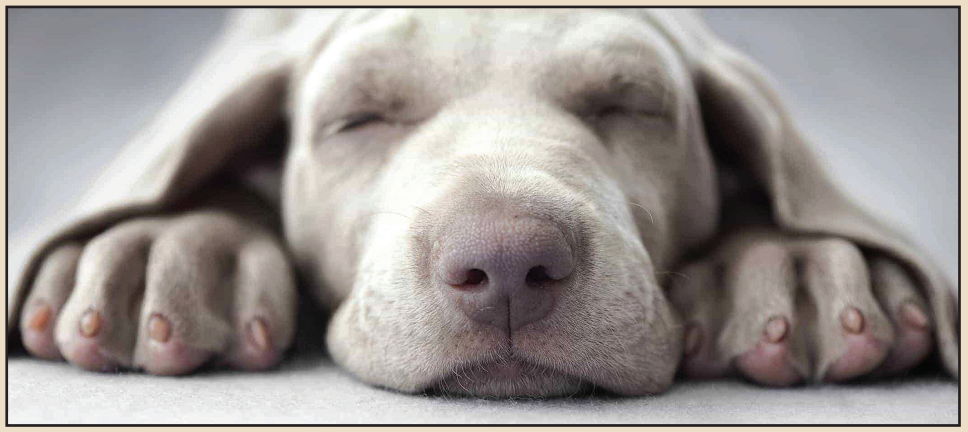
Membro da Ordem dos Advogados do Brasil, diretor do Escritório de Advocacia José Paulo Cavalcanti, do Instituto dos Advogados de Pernambuco e do Instituto dos Advogados Brasileiros, José Paulo Cavalcanti Filho nasceu no Recife, no dia 21 de maio de 1948.

Formado pela Faculdade de Direito do Recife (1971), foi secretário-geral do Ministério da Justiça e ministro interino da Justiça no governo do ex-presidente José Sarney e também presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE), da EBN (depois Empresa Brasil de Comunicação – EBC), e do Conselho de Comunicação Social (órgão do Congresso Nacional). Consultor da Unesco e do Banco Mundial, ocupa atualmente a cadeira 27 da Academia Pernambucana de Letras.

Ao lado, Elza e o presidente da ABL Merval Pereira recebem Maria Lecticia e José Paulo Cavalcanti Filho. Abaixo, à esquerda, o ex-governador de Pernambuco João Lyra Neto e o acadêmico Joaquim Falcão. Abaixo, à direita, Paula e José Paulo Cavalcanti Neto, na cerimônia de posse do novo imortal.

Vida sonâmbula

Por Jonas Rabinovitch*



Não sei se você já percebeu, mas há uma grande paz na imagem de um cachorro dormindo. Eles parecem sorrir. E sonham.

Alguns cachorros sonham com grandes caçadas e até mexem as patas enquanto dormem.

Cachorros mais sofisticados na verdade sonham que estão dançando o *swing* com a Ginger Rogers, mas os humanos nem desconfiam disso.

Cachorros são muito curiosos, mas não escrevem grandes estudos científicos. Eles não se preocupam com essas coisas. Talvez por isso não exista nenhum estudo sério sobre sonambulismo nos cachorros.

Essa é a história de Vida, a cadelinha sonâmbula.

Como todos os cachorros, Vida gostava de dormir. Enquanto dormia, Vida sonhava – assim como a grande maioria dos cachorros. Mas, ao contrário da grande maioria dos cachorros, Vida se levantava enquanto dormia. E andava. E corria. E fazia coisas que nenhum cachorro acordado conseguia fazer.

Talvez por isso, começaram a aparecer rumores de um cachorro que fazia mergulhos submarinos para conversar com golfinhos no fundo dos oceanos. Um outro cachorro que ensinava literatura francesa na Sorbonne. Um outro que trabalhava no circo como mágico e fazia gatinhos aparecerem de sua cartola.

Enquanto os rumores começavam a circular, as equipes de telejornalismo eram convocadas, a polícia, os bombeiros, os médicos, veterinários e ambulâncias eram chamados... Vida só acordava. Bocejava. Se espreguiçava. Não sei se você já percebeu, mas há uma grande paz na imagem de um cachorro se espreguiçando...

Quando os humanos chegavam para investigar o fenômeno, encontravam Vida coçando a orelha com a pata de trás. Ela fazia festinha, abanava o rabo. Aquilo não virava notícia. Os investigadores iam embora, desapontados.

Vida achava os humanos muito curiosos. Eles viam fenômenos fantásticos todos os dias – a começar pelo nascer do sol – mas não prestavam a menor atenção. Eles não viam coisas acontecendo, a não ser quando um repórter gritava na TV que alguma coisa estava acontecendo.

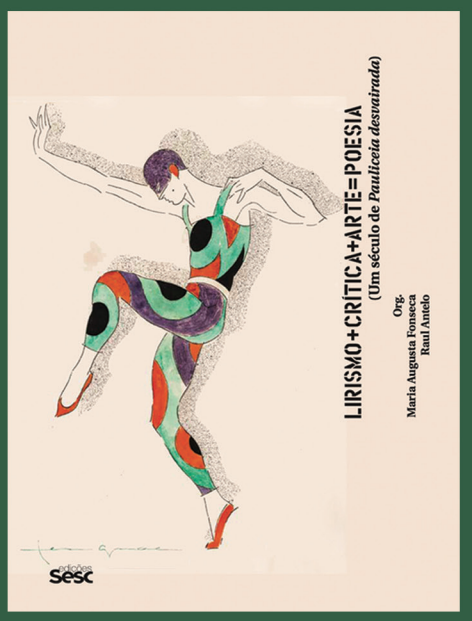
A previsão do tempo para depois de amanhã virava notícia, a opinião de um especialista sobre o que não aconteceu no século passado virava notícia, uma fofoca qualquer sobre um tipo qualquer virava notícia...

Vida rolou na grama, sentiu o calor do sol no corpo, parecia que sorria. Bocejou. Espreguiçou.

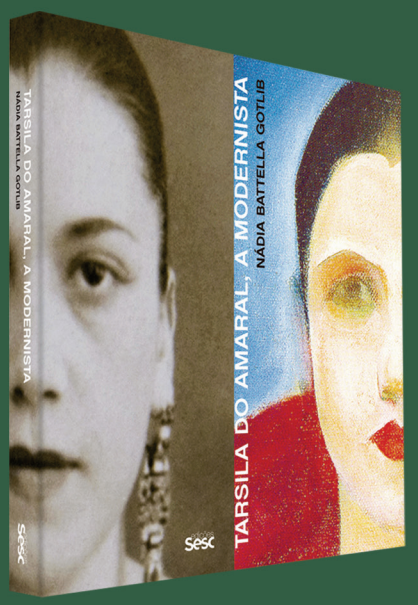
Deitou tranquila e foi tirar mais uma soneca.

*Jonas Rabinovitch é arquiteto urbanista e ex-Conselheiro para Inovação e Gestão Pública da ONU, Nova York.

NA 26ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO

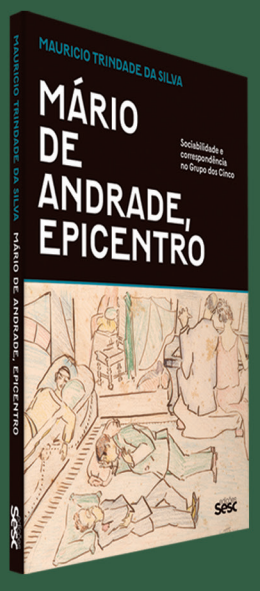


LIRISMO + CRÍTICA + ARTE = POESIA um século de Pauliceia desvairada
Maria Augusta Fonseca e Raúl Antelo (org.)
Livro reúne críticos literários e pesquisadores que analisam os 22 poemas de Pauliceia desvairada. A obra também apresenta cada um dos poemas ilustrado por um gravurista, desenhista ou fotógrafo.

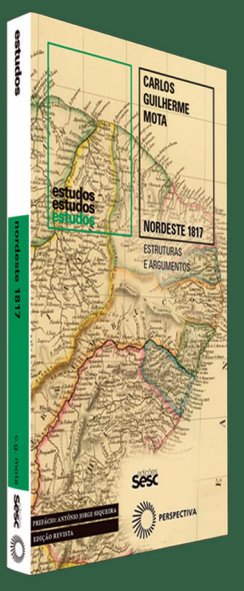


TARSILA DO AMARAL a modernista
Nádia Battella Gotlib
Nesta biografia, a autora recria a trajetória libertária de Tarsila do Amaral, debruçando-se sobre sua vida privada, sua formação artística, o circuito modernista, o movimento Pau-brasil e a Antropofagia.

EM BREVE

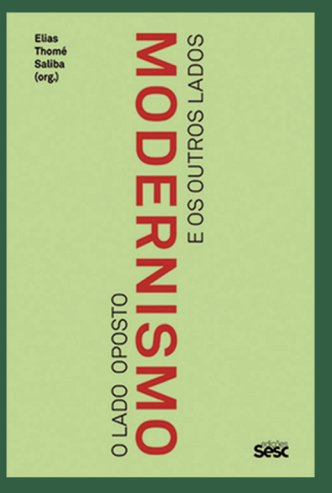


MARIO DE ANDRADE, EPICENTRO Sociabilidade e correspondência no Grupo dos Cinco
Maurício Trindade

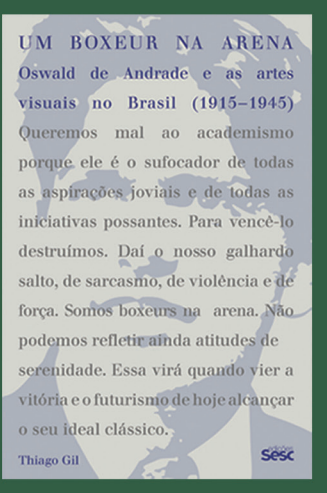


NORDESTE: 1817 (2ª ED.)
Carlos Guilherme Mota
Edições Sesc e Editora Perspectiva

1822: DIMENSÕES (2ª ED.)
Carlos Guilherme Mota
Edições Sesc e Editora Perspectiva



MODERNISMO o lado oposto e os outros lados
Elias Thomé Saliba (org.)
Apoio cultural Biblioteca Mindlin



UM BOXEUR NA ARENA Oswald de Andrade e as artes visuais no Brasil (1915-1945)
Thiago Gil de Oliveira Virava
Apoio cultural Biblioteca Mindlin